

ENSINO INTEGRADO, UMA EXPERIÊNCIA DE 20 ANOS

Matilde MATOS

O primeiro passo de toda aprendizagem da vida é a expressão e o desenvolvimento da espontaneidade constitui a primeira etapa do nosso trabalho. Integrando arte na educação, atingimos a espontaneidade da criança e a sua necessidade de se expressar livremente. Procuramos a pedagogia da expressão que conduziu ao "maravilhoso", ao "fantástico" e ao "realismo" no alargamento dos conhecimentos, na simulação da imaginação e poder da criatividade. No desenvolvimento da linguagem, na aquisição do senso de observação, espírito de crítica, responsabilidade e auto-domínio, na abertura de múltiplas formas de expressão e na valorização do trabalho em grupo".

Maria Rosita Balgado Góes Há uma ligeira correria das escolas neste ano, para se adaptarem à reforma. O curso primário fundiu-se ao ginásio, nos oito anos do ensino do 1º Grau. No 1º Grau a nova lei prevê aprendizagem progressiva na sistematização de conhecimentos através de duas áreas do Ensino Total. A primeira destas áreas é chamada de Atividades e abrange os cinco primeiros anos do ensino do 1º grau. Isso significa que nestes cinco anos a criança vai viver situações, todas os seus conhecimentos vão ser ministrados através de experiências. A segunda área é de Integração dos Conteúdos, que compreende os três últimos anos do ensino integrado do 1º Grau.

Em vez de aprender nas escolas uma infinidade de ensinamentos abstratos, que não significam absolutamente nada para a criança porque estão fora da sua realidade, e que ele vai decorear e esquecer na primeira oportunidade, a tentativa vai ser, na medida do possível, em relacionar estes ensinamentos com uma experiência que a criança possa viver seja como jogo, brinquedo, peça de teatro, música, dança, desenho, daí ser essencial a integração das artes no ensino, como atividade pedagógica para se chegar a outro fim. Pelas artes pode-se desenvolver a criatividade, o pensamento e a lógica da criança. Essa integração de arte como meio e como fim das crianças, naturalmente que é muito antiga.

Mas foi só em 48 que a UNESCO lançou os programas de integração da arte na educação. Em 51 houve um congresso mundial em Bruxelas, onde se discutiu um projeto para o mundo todo, e não somente perdura até hoje.

Aqui na Bahia tivemos no campo da educação a figura extraordinária de Anísio Teixeira, precursor, desbravador, lançador de idéias novas, que iniciou estudos sobre a metodologia experimental brasileira. Já apresentava os pontos básicos sobre os quais se aplica a reforma atual. Não só a imaginação, como foi no teatro mais popular de Salvador, a na Caixa D'água, o Centro Integrado que fundamos até hoje, e a escola experimental em 5. Lenart (CRUVEP) que não soube imaginar



Alunos da Escolinha de Arte em cena, na Ópera da Lua de Jacques Prévert. "Eu a conheço, disse ele, nós dois somos amigos e mesmo quando ela não sai, eu não preciso mais que cerrar os olhos para vê-la, na escuridão da noite".



porque foi fechada. Conheço alunos de CRUVEP, filhos de lavadeira, que hoje estão com diplomas de curso superior, já viajaram para o estrangeiro em bolsas de estudo, falam corretamente 3 idiomas e sempre conseguiram destaque como os melhores alunos de suas classes, por isso mesmo conseguindo bolsas, por onde passaram.

Um dos membros da equipe de Anísio Teixeira, com quem trabalhei algum tempo, Rosita Balgado Góes, também apontando-se no programa de Anísio Teixeira, resolveu em 52 fazer a sua Escolinha de Arte, para integrar a arte na educação de base das crianças, com cursos isolados. E Rosita quer conta como resolveu, depois de seis anos com estes cursos de arte, transformar aqueles cursos isolados numa escola primária com arte integrada, e da sua experiência desde então.

— Primeira comecei a sentir que a arte não estava atingindo o seu objetivo real que era o de ajudar a criança no seu desenvolvimento. Alguns dos pais que colocavam os filhos naqueles cursos, queriam ter genios pintores ou dançarinos na posição do pé, e não entendiam que a finalidade era outra. Depois tínhamos dificuldades em fazer com que a criatividade dos meninos aflorasse, por causa dos métodos usados com eles fora do currículo de arte. Mas principalmente porque vinham, depois de seis anos de experiências, que as duas coisas estavam tão associadas (arte e aprendizagem geral) que nos tinhamos de fazer a complementação. Desde 58 que tenho pondo em prática esta integração.

— A mudança do nome currículo foi baseada no trabalho de Anísio Teixeira, que foi um homem genial. Com a política, instituívamente

na fazendo mudanças e adaptações. E ficava muito atônita aliando aquilo que o bom senso e a lógica me diziam ser certo. As vezes eu encontrava já sendo aplicado quando saía do país. Naturalmente quando eu viajo procuro ver a que há de melhor por aí. Tenho as lembranças da Suécia, França, Bélgica, e da Holanda que pra mim é o melhor de todos. Todos estes países já têm uma experiência muito longa com o ensino integrado 1º, primeiro grau deles é de 6 anos e não 8.

— A melhor coisa que podia ter acontecido para a nossa Escolinha de Arte foi a reforma, porque isso, que já vínhamos fazendo, desde 53 com cursos isolados e a partir de 58 como escola primária integrada, vai ser que ser feita agora em todas as escolas, não só. Depois das facilidades muito este melhoramento, pois sentíamos que em cinco anos só não podíamos

conseguir os nossos objetivos tão satisfatoriamente. Desde o início que na Escolinha não tínhamos professor de classe, tínhamos professor de área, que acompanhava o aluno naquela área o tempo todo. Acho isso importantíssimo para dar condição ao professor, dentro de sua individualidade, de se desenvolver numa área onde se sente mais capacitado. Facilita tanto o preparo dele quanto o manuseio do material didático, (filmes, slides, etc) como também é importante que ele acompanhe o desenvolvimento da criança naquela área e também porque é cativante tanto para ele como para as crianças, ficam juntos numa sala de 8:00 às 12:00 horas.

— Com a programação do ensino atual você não tem necessidade de manifestar a criança com fatos que não são da realidade dela. Também não há necessidade da repetição dos mesmos ensinamentos, em outros níveis, no primário, no ginásio, no colégio. A progressividade do ensino leva a ir ascendendo, e não a repetir, o que também já tentávamos mas com a fusão do primário-ginásio em 3 anos de instrução, vai ser mais fácil. Em 62 quando Anísio Teixeira começou a fazer um estudo sobre os currículos brasileiros e apresentou em quadro o estudo comparativo com outros países, mostrei que assuntos não só de conhecimentos gerais, mas até fatos gramaticais, que aqui se dava no 2º e 3º ano primário, em outros países correspondiam às últimas séries ginaissais.

— O teatro é o resultado de um trabalho que é feito normalmente em classe. Levamos por exemplo Flóris e a Conquista do Espaço. O livro do Ziraldo, Flóris, foi estudando em linguagem. Coincidiu que foi o ano em que o homem alcançou a lua, e todo o trabalho da escola, em todas as áreas de estudo, foi em volta de como o homem chegou à lua. Estudaram Galileu, Kepler, Newton, Sargu Jullio Verne, Sanjo Damasc, Godard, Gagarin, Gilberto Gil. O meu único trabalho foi reunir o que eles tinham feito, e selecionar as partes que usamos em Flóris e a Conquista do Espaço. Na hora de botar o pé no palco, você não imagina que coisa linda ficava ficava fazendo assim. A criança que estudou uma peça, os personagens, assim como tudo, se identifica com ela, na hora de levar aquela experiência ao palco é muito mais fácil.

— Temos bibliotecas, gineteira, centro de filmes, museu de arte popular, experiências com cinema, com muitas roteiros já feito pelas crianças. Temos toda a documentação feita em filme de festas da Bahia e em vários filmes e roteiros que as crianças fizeram com os lances, festas e pontos históricos da Bahia. Está tudo para continuar o trabalho, porque todo o material que tínhamos e levei para Brasília. Ficaram bombadinhos como aqui já se trata um trabalho demais, um dentro de espírito da reforma, sem a menor dúvida e ponto de vista, há não terem comprometido o trabalho que vínhamos fazendo.



No palco, as crianças.

Todo mundo ligado no som da flautinha. Bem estranho, os olhos fechados ouvindo só a musiquinha, porque agora nós vamos viajar para o planeta mágico. Para a plataforma espacial nós iremos através de um fio bem fininho, por isso cuidado com a queda. "Sal da minha frente senão eu perco o equilíbrio", fala Tico muito preocupado andando nas pontas dos pés. Agora nós vamos encher os pulmões de ar e soprar com bastante força, para dar o impulso necessário para o nosso foguete decolar — Fuuuu, Chuuuu, Fuuuuu! — Pronto, chegaram.

As crianças de 5, 6 e 7 anos da Escolinha de Arte da Bahia junto com a Lucy e Tatu começaram neste momento o seu passeio mágico num outro planeta. Como o planeta estava vazio, foi iniciada a pesquisa. "O não tem ninguém aqui, não?" perguntavam as crianças, colocando o ouvido bem junto ao chão pra ver se ouviam algum som. De repente, uma voz muito estranha surgiu, ninguém entendeu nada e ficaram entendendo menos quando Chico surgiu, vestido de malha, cheio de fitas coloridas, falando uma língua muito esquisita e usando como microfone um grande girafa. Imediatamente todo mundo achou que o habitante desconhecido era um monstro.

A corrida madrosa das crianças, a cada aproximação do ser que ficou conhecido como monstro, e as inúmeras tentativas de manter um diálogo com o novo habitante duraram mais ou menos uma hora e meia, quando foram exercitados todos os sentidos, através de expressões corporais, estudo de som, etc. Tudo isso usado para tentar um entendimento, entre o povo do planeta terra e o habitante mágico.

COMUNICAÇÃO

Imitação de animais, dança, música, até que o monstro começou a entender alguma coisa e ficou sabendo que todo mundo vinha de terra. As crianças começaram a lhe contar como era o seu planeta, o que existia na terra, como fizeram a viagem, tudo através de imitações. "Na terra tem televisão, tem fogo, tem rio". A cada hora uma criança dizia e explicava uma nova característica da terra. Até cachapei diem ao monstro, que

achou o nome muito bonito e mostrou o desejo de provar, ficou bêbado, passou mal e com isso forçou os meninos a se aproximarem, procurando um meio de salvá-lo da bebedeira, o que acabou o medo das crianças e tornou-os grandes amigos, vindo no fim o monstro para a terra, de escada rolante humana.

Esta viagem, feita por 36 crianças da Escolinha de Arte da Bahia, é uma das experiências que, o grupo de Teatro "Participação", do Rio, formado por Lucy Panticelli, Francisco Dornelles e João Batista Terra, está realizando nas escolinhas de arte de Salvador. Além de experiências nas escolinhas o grupo está realizando um curso intensivo para preparação de professores que continuarão o seu trabalho, quando daqui seguirem para outros Estados do nordeste, Manaus, Brasília e, posteriormente, pela América Latina.

Apesar do pessoal do grupo ser mineiro e já ter realizado inúmeras experiências com cinema, teatro em Belo Horizonte e Ouro Preto, a idéia de trabalharem juntos e com crianças, surgiu no Rio de Janeiro. Em princípio se queria apenas falar, e isso conseguiram facilmente. Depois de trabalhar em praticamente todas as escolinhas do Rio de Janeiro e conseguirem um determinado "status" concluíram através de uma pesquisa num laboratório humano de teatro feito no Grupo Comunidade, dirigido por Amir Hadad — trabalho feito paralelamente — que na verdade não era aquilo que eles pretendiam. Por isso, lançaram tudo, a casa bem montada, os requintes pequeno-burgueses, e partiram para um trabalho individual, mais livre e mais sério aliado à tentação e magia da viagem e conhecimentos de novas pessoas e lugares.

— A gente já estava numa situação bem privilegiada, inclusive já tínhamos conseguido até licença do governo para trabalhar em escolas públicas, mas a alienação já estava começando a importunar. A gente então decidiu viajar, muito também pela necessidade de um distanciamento da cidade, em que as coisas já estavam se tornando feições. A comunidade nos questionou muito e exigiu uma mudança, um trabalho mais consciente.

O teatro infantil não é feito para crianças mas com crianças por isso são elas que criam

a história ou o tema a ser encenado, o cenário, o cenário e os próprios personagens. Quando as crianças são menores o tema é escolhido pelo "grupo" mas geralmente o roteiro é modificado na hora da apresentação, aproveitando idéias e atos das crianças. Tudo é bem livre e existe uma preocupação muito grande em não reprimir idéias ou atos surgidos no momento para que, a criança se sinta bem à vontade, para usar sua imaginação. Com as crianças da Escolinha de Arte, então, as coisas foram bem facilitadas pela formação das crianças, que são educadas num ambiente bem aberto e livre.

Geralmente junto com o trabalho realizado com as crianças são incluídos os pais e as professoras para promoverem um encontro entre crianças e adultos nesse caso ligados por afetividade e às vezes por laços autoritários. O primeiro trabalho a ser feito pelo grupo numa escolinha é uma conversa com o grupo que lida com as crianças, para um maior conhecimento da psicologia de cada criança e do próprio ambiente em que elas vivem. Depois do trabalho com as crianças, são discutidos os principais acontecimentos com as próprias crianças, com os pais e com os professores.

ATINGIR, MESMO

Partindo da idéia de que, teatro é vida, o grupo conclui também que, fazer teatro em sala de espetáculo não dá mais. De qualquer maneira não é muito válido fazer teatro para mil pessoas que já sabem de tudo e se preocupam apenas em criticar um espetáculo. A comunicação acontece somente no plano intelectual, quando acontece. Ao contrário, fazer teatro na rua, em qualquer lugar, fazendo com que as pessoas usem seu ambiente, suas limitações para criar alguma coisa usando sua imaginação, libertando-se de seus bloqueios, usando seus corpos. É muito válido, embora atinja a menor número de pessoas.

— A gente faz teatro em todo lugar — afirma Tatu — A minha primeira experiência mesmo foi na praia de Ipanema. Eu estava sentado na praia e de repente me perguntei por que não fazer teatro aqui, agora? então fiz um círculo na areia e comecei a andar ao redor, a cada pessoa que passava pelo círculo eu pedía para fazer alguma coisa e ninguém dava importância. De repente, apareceu uma estudante, com uns livros nas mãos e os colou

sem no centro do círculo. E eu comecei a adorá-la como se fosse santa. Ai surgiu um cara com uma flauta e começou a tocar uma musiquinha bem suave. Eu peguei duas tampinhas de garrafa e comecei a dirigir um carro em que as tampinhas eram os faróis, aí uma criança começou a me acompanhar e depois algumas voltas como se fosse passageira do meu carro. A essa altura, já existia um grande número de pessoas à nossa volta, mas bloqueadas de tal jeito que não conseguiram entrar também na encenação.

Depois da experiência Tatu bateu um papo com as pessoas que lhe rodeavam mostrando a cada uma o motivo do seu modo de representar, se integrar, de usar seu corpo o por a tola sua imaginação. "As pessoas estão cada vez mais dopadas, só se preocupam em trabalhar e enriquecer, é uma alienação total. Todo mundo encheu que não sabe dançar, cantar ou fazer som. Só quem estudou dança, canto ou algum instrumento, quando na verdade, todo mundo é dentro de si ator, dançarino, pintor, decorador e músico. Está todo mundo reprimido, bloqueado e desse jeito daqui a pouco tempo as pessoas vão esquecer que têm pernas, mãos e sensibilidade. Por isso quando a gente faz teatro, procura mostrar a situação ao pessoal, a necessidade de todo mundo se expressar sem convencionalismo, porque além da repressão externa, já existe uma repressão interna a por isso a gente não sabe se o teatro da gente é terapia de grupo".

O teatro que a gente acha legal — quem fala agora é Lucy — é aquele que a gente faz em Búzios, no Rio. A gente chegou pela manhã e avisou ao pessoal que ia ter um espetáculo de teatro à noite e que todo mundo levasse alguma coisa para o cenário. De noite, foi um negócio incrível. Nós reunimos na praça e juntamos tudo que nos foi entregue, desde cadeira, toco de madeira, até galhos e flores e todo mundo foi o personagem que escolheu e nós realizamos um troco muito bacana. Este tipo de teatro, além de dar alguma coisa intelectual, principalmente atinge as pessoas emocionalmente e por isso é um teatro terapêutico, inclusive pra nós próprios, que através do contato com pessoas de cultura e costumes diferentes, fazemos um trabalho de questionamento com nós mesmos.

Elas chegaram à conclusão de que é muito mais importante atingir cada homem-criança, "mas atingir mesmo", que ditar uma mensagem para muitos outros, montados num palco de uma luxuosa casa de espetáculos, onde o cenário, a luz e o som são artificiais. Recusaram os requisitos da vida burguesa, que o "status", conseguido no Rio proporcionou e partiram para o Brasil, em busca do homem brasileiro, com quem acreditam aprender. O trabalho, que consideram agora muito mais sério, começou com exercícios de questionamento, deu consistência ideológica ao grupo, que se dedica agora às

crianças da Escolinha de Arte da Bahia e pretende mostrar aos orientadores baianos o que se pode fazer por uma educação mais livre, desenvolvendo a capacidade sensorial da nova geração. Tatu, Chico e Lucy estão na Bahia. Está na hora de fazer teatro, está na hora de saber mais das coisas, está na hora de ser mais livre.

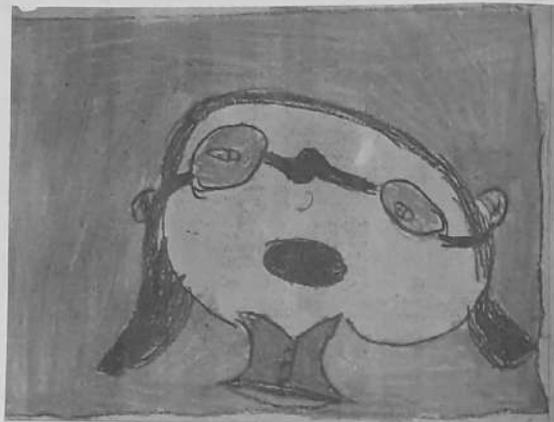




«De uma maneira geral, o auto-retrato infantil expressa a maneira como a criança se imagina ou então como ela gostaria de ser» — diz o psiquiatra Luiz Fernando Pinto, diretor do Instituto Psico-Pedagógico da Bahia. Segundo êle, o desenho dá oportunidade à criança de projetar seus conflitos, ansiedades, inseguranças e temores, «bem como se se trata de uma criança segura e ajustada, ela projetará esta segurança e a confiança em si mesma».

— Tudo isto aparece projetado na expressão gráfica do auto-retrato — diz o Dr. Fernando Pinto. Comentando a validade do desenho para a criança, disse que «permite à criança descarregar as tensões nervosas e encontrar, no plano da fantasia gráfica, a solução para o conflito psicológico». E o caso — citou — da criança com sentimento de inferioridade que, ao fazer o seu auto-retrato se apresenta identificada com traços de Batman, Super-Homem, incorporando assim ao seu Ego as características de poderio dos seus heróis preferidos».

Estes auto-retratos são de alunos da Escolinha de Arte da Bahia, dirigida pela professora Rosita Salgado Góes.



VEVE — 6 ANOS



KARIN — 7 ANOS



JENNIFER — 7 ANOS



FERNANDO — 7 ANOS



LAURO

AUTO-RETRATOS

Depois de se trancar no banheiro, Sergio, de sete anos, resolveu mexer no armário do banheiro. Mesa daqui, mesa dali, o armário despençou da parede, quebrando vidros de loção de barba, de perfumes, remédio e o próprio espelho do armário, com grande barulho. Sua mãe corre até a porta: «Mestre, o que foi isso? Abra a porta». E êle, abrindo mais porta, apenas metido do rosto, da fora: «Nada não, mãinha, foi mentira do barulho».



PAOLA — 7 ANOS

Doc.
1

ESCOLA

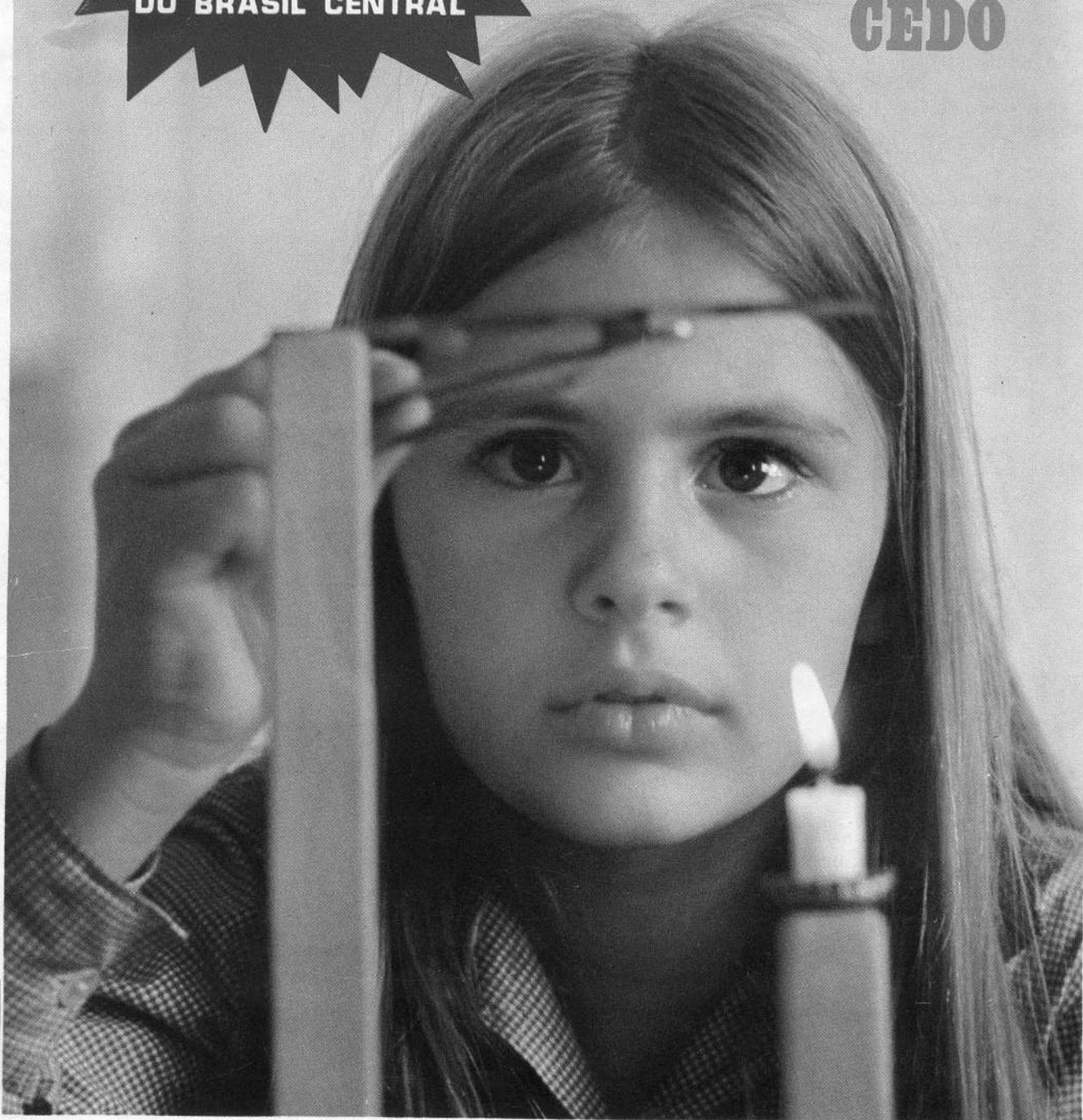
N.º 10 — DEZEMBRO DE 1972

PARA PROFESSORES

ESPECIAL
COMO ESTÁ A EDUCAÇÃO
EM BRASÍLIA, GOIÁS
E MATO GROSSO

GRÁTIS:
PARA SUA SALA DE AULA:
O MAPA COMPLETO
DO BRASIL CENTRAL

**CIÊNCIAS:
APRENDIZAGEM
COMEÇA
CEDO**



Cr\$ 3,00

EDITORA ABRIL



TEMOS OU NÃO UM SISTEMA DE EDUCAÇÃO?

Manipulação
de materiais concretos é
um bom caminho para a criatividade

DOMINÓ TAMBÉM ENSINA MATEMÁTICA



Sentados em círculo, no chão da sala, os garotos e meninas observam atentos os objetos que a professora mostra.

— Quero que vocês digam as diferenças entre essas duas régua que tenho nas mãos, todas as relações que vocês observarem.

— Uma é verde e a outra é preta — diz um menino.

— E a verde é maior que a preta — diz outro.

— Certo. E agora estes dois lápis amarelos, são iguais ou diferentes? — A professora mostra os objetos à classe.

— Os dois têm a mesma cor, mas um é maior que o outro — respondem os alunos.

— Certo. E estas duas canetas?

— Elas são diferentes, suas cores e tamanhos são diferentes.

— O que mais? — pergunta a professora.

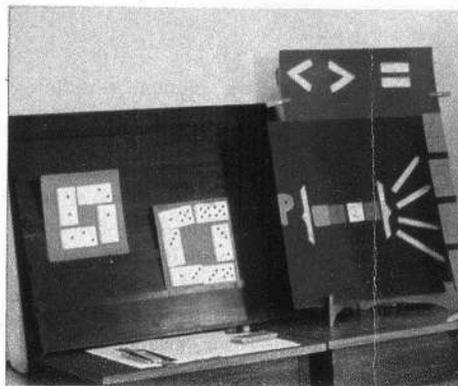
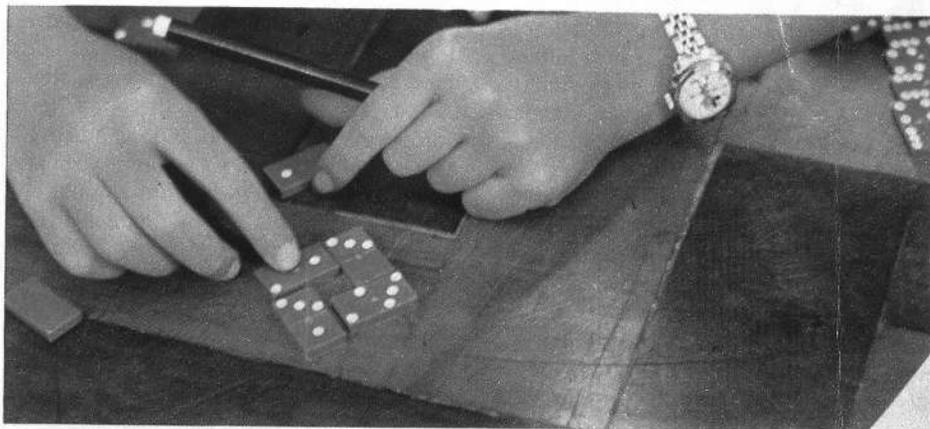
— A forma é diferente — responde André, animado com a sua descoberta.

— Isso mesmo, uma é mais fina e a outra é grossa. E estas quatro canetas? — continua a professora.

— Cada uma é de uma cor e tem tamanhos diferentes — diz uma menina.

— Muito bem, agora vou distribuir para vocês algumas tabelas mágicas, que vocês já conhecem, para a gente fazer exercícios. Observem bem os cartões e digam o que descobriram.

A professora Lúcia do Eirado Fontenelle, responsável pela turma da 3.ª série do primeiro grau da Escolinha de Arte da Bahia, começa assim mais uma aula de matemática.



A criatividade começa aqui, com materiais concretos sendo manipulados pelas crianças.

concretos. A sua idéia básica é integrar a arte na educação, atingir a espontaneidade da criança e a sua necessidade de se expressar livremente, finalidade com que foi criada, pela professora Maria Rosita Salgado Góes, em 1951, influenciada pelas idéias de Anísio Teixeira.

Mantendo classes pequenas, de quinze alunos por sala, selecionando os professores também pela sua capacidade de relacionamento com o aluno e pelo nível de conhecimento artístico, a Escolinha de Arte iniciou uma experiência inédita em Salvador. A professora Rosita Salgado não esconde as dificuldades encontradas: "Dentro de uma estrutura educacional arcaica, onde toda e qual-

quer experiência é vista com desconfiança, nosso método não era visto com a menor seriedade pela maioria dos professores. Na verdade, o problema básico é manter um tipo de escola extremamente dispendioso cobrando mensalidades não muito altas. Depois, tínhamos de convencer os pais que não é preciso fazer muita distinção entre ensinar e divertir a criança".

Com a aceitação e crescimento da escola, um novo problema surgiu: os pais queriam que seus filhos se transformassem em mini-artistas. A própria criança não dava nada de si, como criação espontânea, e isso se refletia nos trabalhos. Quando o aluno era solicitado

CRIATIVIDADE

O objetivo da Escolinha de Arte é desenvolver na criança a criatividade, o raciocínio, através da manipulação e observação de materiais

a se libertar do lápis, do modelo, havia um impacto.

AS PEDRAS DO DOMINÓ

Os alunos continuam sentados no chão da sala de aula, depois que a professora distribuiu as cartolinas pretas com alguns conjuntos de um, dois, três, quatro e cinco elementos, com diferentes formas geométricas. A tarefa da criança é descobrir as relações que existem na tabela, nas linhas verticais como nas horizontais.

— Na linha horizontal da minha tabela tem um conjunto de quatro elementos, depois um conjunto de três, de dois e uma unidade. O quatro é maior que o três, o três é maior que o dois e o dois é maior que o um, explica uma aluna.

— Muito bem. Quem mais descobriu alguma relação?

Todos querem falar ao mesmo tempo, a professora pede que eles se organizem, e cada um fala das relações de igualdade descobertas nas tabelas. Um dos alunos, André, descobriu que no sentido vertical da tabela há uma seqüência de quatro, três, dois, um e, no horizontal, a seqüência de um, dois, três, quatro.

— Será que você sabe qual é o ponto de interseção desses dois conjuntos? — A professora pergunta diretamente a André, que responde certo (é o dois, que tanto serve para a linha vertical como para a horizontal).

Os alunos, contando as figuras das tabelas, descobrem que em cada cartão há pelo menos uma linha horizontal e outra vertical, com um número tal de elementos que compõem uma dezena. Uma folha mimeografada, com tabelas

desenhadas, é então preenchida com os numerais correspondentes.

Terminada a tarefa, a professora sugere outra atividade, distribuindo pedras de dominó para todos os alunos.

— Agora eu quero que vocês separem as pedras que tiverem um, dois, três elementos e façam agrupamentos com elas, de modo que em qualquer posição dê o resultado três.

— Eu consegui — diz André, o primeiro a descobrir suas pedras. Com quatro delas, o aluno forma um quadrado que tanto na linha vertical como na horizontal dá o resultado três.

Quando as crianças terminam essa atividade, a professora distribui outro tipo de material: tiras coloridas, de cartolina plastificada para exercícios com a base cinco, seguindo os mesmos procedimentos do exercício anterior.

NÚCLEO DE ARTE

A Escolinha de Arte da Bahia funciona na rua Marques de Leão, 57, na Barra, em Salvador. Atualmente tem 150 alunos e desde 1956 desenvolve uma experiência de ensino onde a arte não surge isolada, mas como um elemento integrador das matérias, como síntese. Desde o seu início há um professor para cada disciplina e todos trabalham integrados, acompanhando de perto os alunos, suas evoluções e suas possibilidades. Além das matérias do núcleo comum, a Escolinha de Arte possui cursos de violão, artes plásticas, bateria, folclore, música, dança e teatro, para crianças principalmente da classe média e para algumas beneficiadas com bolsas de estudo. Capoeira e

maculelê são ensinados aos meninos, mas todos os alunos freqüentam as aulas de dança, teatro e folclore.

Para a professora Rosita Salgado, a montagem de uma peça teatral exige um trabalho inicial de grande importância didática. "Quando em 1969 o homem se preparava para a primeira viagem à Lua, iniciamos o ano letivo mostrando a importância do fato e montamos um esquema de aulas para acompanhar o feito durante todo o ano. Começamos falando de Galileu Galilei, usamos historinhas e, evitando livros didáticos, trabalhamos com jornais e revistas. As crianças sentiam a curiosidade cada dia mais aguçada e assim caminhamos para a Lua com os astronautas."

A partir de um fato novo, como a viagem à Lua, as crianças passam a ter uma nova soma de informações sobre aspectos da astronáutica e seus personagens. Por isso, a professora Rosita Salgado afirma que o ensino obrigatório das artes no ensino fundamental, sem que haja uma formação prévia e bem feita de pessoal, pode se tornar uma experiência perigosa.

"Os primeiros contatos de uma criança com um assunto desconhecido é primordial para seu interesse posterior. Imaginemos uma criança com uma visão estereotipada da atividade artística, como seria prejudicada. É preciso ficar claro que a finalidade de integração da arte no ensino vai além do aprendizado objetivo do que seja uma música ou uma escultura. A nossa experiência diz que uma criança com mais de dez anos, transferida de outra escola, dificilmente se adaptaria à nossa maneira de ensino: ela ficaria inibida, não se desconstruía com facilidade. Simplesmente ela teria vergonha em mostrar seus trabalhos, em subir num palco, em agir normalmente diante de uma exibição de dança."

TEATRO TOTAL

Um dos grandes momentos da experiência realizada na Escolinha de Arte, segundo a professora Rosita Salgado, foi visto por ocasião da montagem de uma peça sobre a viagem à Lua.

"Usamos o conhecimento adquirido durante todo o ano e, quando finalmente expusemos o assunto e usamos os recursos para isso, começamos a trabalhar nosso texto teatral, com montagem e ensaios dos alunos."

O interesse demonstrado pelos alunos pode ser exemplificado com isto: terminados os ensaios, já com os convites impressos com os nomes dos personagens estudados, um aluno de oito anos



FOTOS DE JOSÉ MARTINS

No trabalho em grupo, um dos objetivos da Escolinha é a integração da arte ao ensino.



descobriu que faltava na relação o nome de Von Braun. "Tia Rosita, esquecemos o Von Braun", exclamava o atencioso aluno com surpresa. "Depois, os próprios alunos, reunidos em grupos, discutiram o assunto com uma seriedade impressionante. Confesso que para mim foi um dos grandes momentos da minha vida de professora", diz Rosita Salgado.

Os alunos, depois de reuniões em grupos, resolveram incluir no convite já impresso um texto com algumas frases do cientista alemão, escolhidas por eles mesmos. "Chamamos essa experiência

de teatro total e dela passamos a outra de que também os alunos participaram, usando textos de peças infantis (o livro básico era o Flicts, de Ziraldo) nos trabalhos de classe."

"Procuramos sempre identificar a criança com seu personagem preferido. As brincadeiras na sala eram pequenas encenações de trechos da peça, os desenhos se referiam a cenas da história e, assim, as crianças iam montando, escrevendo, desenhando outra história dentro do original. Quando finalmente apresentamos a peça senti que na realidade

háviamos conseguido resultados concretos da pedagogia da expressão: dança, música, artes plásticas estavam sendo usadas na educação primária e o sucesso do método não poderia ser melhor."

Mesmo com essa válida experiência, no entanto, a professora Rosita Salgado confessa-se surpresa com a lei que obriga a existência de aulas de criatividade e expressão no currículo do ensino fundamental. "Não acredito que haja uma estrutura montada para o ensino paralelo das artes em geral no ensino público. O trabalho de reciclagem de professores somente poderia funcionar a médio prazo, jamais num espaço de tempo tão curto. Evidentemente, o chamado ensino fundamental é a medida certa — e sem querer eu já o praticava desde 1958."

Para o início do próximo ano, uma nova experiência está programada: a Escolinha de Arte adquiriu equipamentos de filmagem e projeção de filmes e gravação de som, para que os alunos tenham oportunidade de escrever roteiros e filmá-los em 8 mm. A professora Rosita Salgado afirma ainda: "Mantemos um método avançado e produtivo de ensino, onde as distinções entre classes devem ser as menores possíveis. Tentamos dar uma idéia de unidade aos alunos e seus trabalhos devem refletir a sensibilidade de cada um, nunca uma competição". ●



No chão, sem maior formalidade, eles aprendem a estimular e desenvolver o raciocínio.

Os objetivos específicos da matemática na 3.ª série do primeiro grau: valorizar a observação, a experimentação; desenvolver o raciocínio; estimular a exatidão; desenvolver a capacidade de descobrir e encontrar novas soluções; estabelecer o hábito de relações entre as crianças; levar a criança à compreensão da importância da aplicação da ciência na vida comum; levá-la a desenvolver a habilidade de aplicar e transferir os conhecimentos adquiridos.

O conteúdo da aula assistida por ESCOLA incluiu a descoberta de relações menor que e maior que e de igualdade. As crianças colocaram em gráficos os numerais correspondentes às relações

descobertas. Aplicaram os símbolos em seguida, utilizando-os para indicar a relação descoberta. A descoberta do agrupamento de dezena nos sentidos horizontal e vertical. Fixação da descoberta do agrupamento de dezena. Fixação da descoberta no gráfico, utilizando o numeral correspondente aos elementos da tabela mágica (cartolinhas). A descoberta do conjunto-interseção desses agrupamentos, destacando o quadrado correspondente ao ponto de interseção e agrupamento de bases diversas.

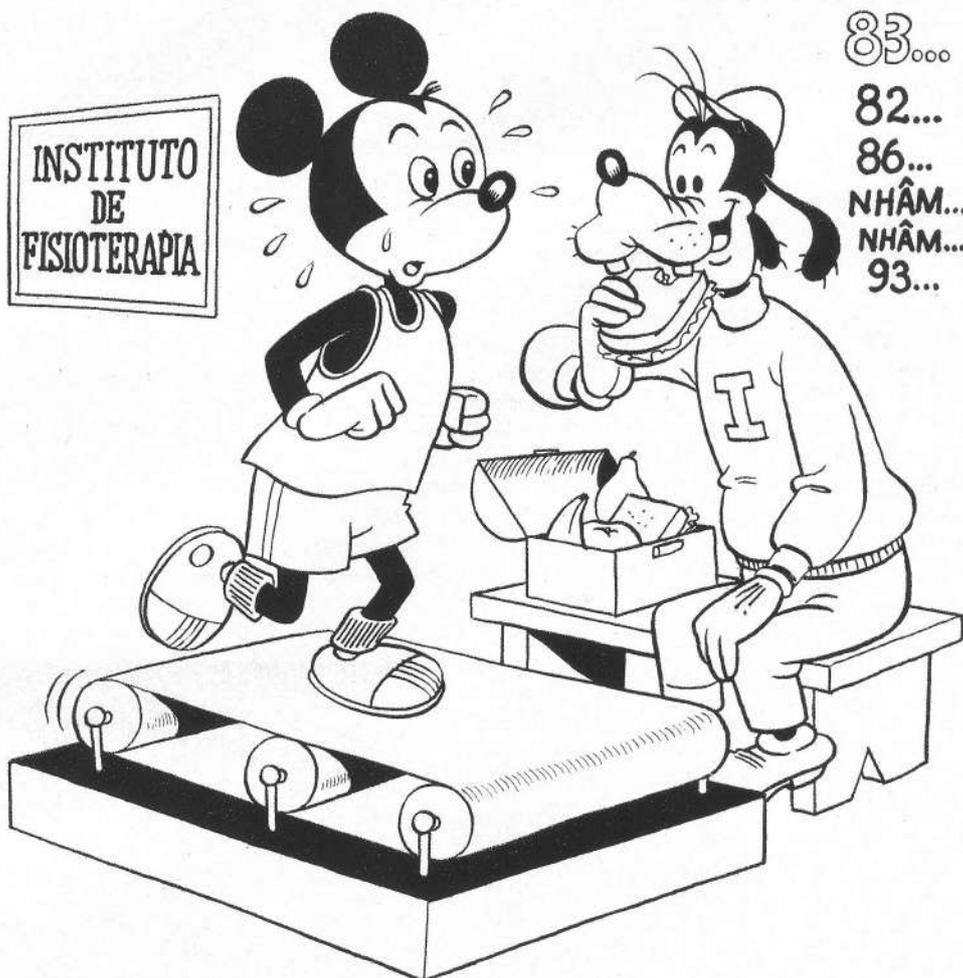
Os materiais didáticos utilizados geralmente nas aulas de matemática: tabela mágica, gráficos mimeografados, cartazes, polly-bloc, quadrado mágico e

dominó, míni-computadores e plic-plac.

Com as atividades desenvolvidas nessa aula, pretendeu-se atingir alguns objetivos:

- desenvolver habilidade de identificar conjuntos com maior, menor e mesmo número de elementos;
- descobrir as relações de quantidade existentes entre eles;
- transportar uma forma de comunicação gráfica para outra equivalente (pelo preenchimento de tabelas);
- identificar o símbolo numérico e quantidades correspondentes (escrita de numerais nas tabelas);
- resolver situações-problemas, usando como critério base dez e base cinco.

SORRIA



procure nas bancas as revistas que são a favor do bom humor:

MICKEY
Pato Donald

publicação da



TIO PATINHAS
ZE' CARIOCA

ATÉ CAYMMI ENTROU NESTA TRANSA

Numa sala cheia de cartazes, a Escolinha de Arte da Bahia (ver a reportagem anterior) atende aos seus alunos da 4.ª série do primeiro grau. A exposição dos trabalhos dos meninos será o ponto alto da unidade de estudo que integra as áreas de estudos sociais e comunicação e expressão. Nesta última foram enfatizadas as atividades de expressão corporal e artes plásticas. Na de estudos sociais, aspectos do meio, folclore e arte da Bahia. Os alunos foram divididos em equipes e sua tarefa é recolher dados sobre o Recôncavo Baiano — aspectos geográficos e econômicos, história, folclore, arte. Os trabalhos duraram dois meses e se processaram em duas etapas. Na primeira, as equipes coletaram informações sobre o tema. Na segunda — presenciada pela revista ESCOLA —, houve a globalização da unidade de trabalho. As equipes expuseram os resultados de suas pesquisas, o material gráfico criado por elas (cartazes, murais), objetos de cerâmica, talhas, pirogravuras, xilogravuras, demonstração de jogos e lutas populares na Bahia, como o maculelê e a capoeira.

A AULA

Introduzindo os trabalhos da aula, a professora Rosita Salgado diz aos alunos: — Como tínhamos combinado, vamos terminar o estudo sobre o Recôncavo. Cada equipe exporá os dados que coletou. No caso de necessidade de algum esclarecimento, a outra equipe poderá interferir e completar as informações.

A exposição começa. Um aluno conta que a cidade de Salvador fica no centro do Recôncavo e que é a área mais desenvolvida da Bahia. Fora dela, as outras áreas são extremamente pobres.

— Quais as cidades mais importantes?

— No Recôncavo, Santo Amaro da Purificação, São Félix, Cachoeira.

— Em Santo Amaro nasceram Caetano Veloso e Maria Bethânia.

— O clima é tropical, caracterizado

por temperaturas altas durante quase todo o ano e ausência de estações definidas. A população de Salvador é calculada em 1 milhão de habitantes.

— A população do Recôncavo fabrica tijolos e objetos de cerâmica. Também cultiva o dendê, muito usado para fazer as mais típicas comidas baianas, como o caruru, o vatapá, a moqueca de peixe e o acarajé. Mas a grande riqueza da região é mesmo o petróleo.

— E a cidade que faz a melhor cerâmica?

— Maragogipe.

Outra equipe começa a falar sobre os pontos turísticos, as festas, as igrejas. Salvador é caracterizado pelas suas casas antigas, ainda do Brasil-colônia, e pelas suas igrejas famosas, algumas muito ricas, como a de São Francisco, a dos altares de ouro.

— E há a lagoa do Abaeté, a ladeira do Pelourinho, o forte de São Marcelo.

— Na ladeira do Pelourinho antigamente moravam os ricos; hoje moram os pobres.

— A lagoa do Abaeté foi cantada por Dorival Caymmi: "...o Abaeté é uma lagoa escura..."

— A maioria das músicas de Caymmi fala da Bahia.

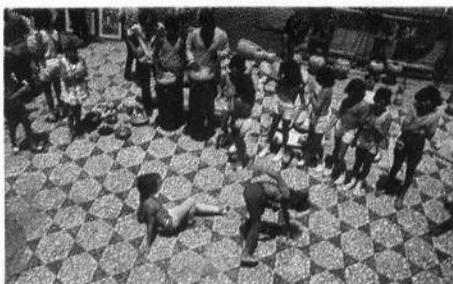
A professora se dirige ao toca-discos e coloca no prato um disco com música famosa: "O que é que a baiana tem?" Descontraídas, alegres, as crianças dançam e cantam. Fazem roda e no meio dela uma menina, vestida de branco e verde, colares de contas coloridas no pescoço, faz mil requebros graciosos. Quando a música termina, o aluno Paulo Emílio continua a exposição:

— Temos uma grande população negra. Porque, quando o Brasil era colônia, aqui era um importante mercado de escravos. Num casarão que há em Amaralina, os escravos se escondiam.

— Daí a influência das culturas africanas nos costumes, comida, cultos, o candomblé, o maculelê, a capoeira, o samba duro, o samba de roda, as festas do largo e de lemanjá.



O maculelê, misto de luta e de dança, desinibe os meninos e exercita os seus músculos.



Capoeira, feira do Caxixi e pintura indígena: três tempos na aula de estudos sociais.

— E há o Mercado Modelo. Todo mundo vai lá, aos sábados, ver capoeira.

Ana Flávia completa:

— Lá tem muita coisa bonita de artesanato, de prata e madeira, redes e esteira.

— E ninguém lembrou outra feira famosa da Bahia?

— É a feira do Caxixi, em Nazaré das Farinhas. Acontece todos os anos, durante a Semana Santa. Toma a metade da cidade.

Marcos fala da economia baiana:

— No Recôncavo temos cacau, petróleo, cana-de-açúcar, coco, dendê, fumo, gado.

— A primeira indústria de grande proporção veio com o petróleo, com a Refinaria Landolfo Alves, em Mataripe.

FESTA NO PÁTIO

Os alunos passam para o pátio. Estão vestidos convenientemente para as demonstrações de maculelê e capoeira. Eles, vestidos de calças compridas e peitos nus. E entra em cena um novo professor, responsável por essa atividade na Escolinha de Arte: o tio King, como as crianças o chamam, professor de danças folclóricas.

Enquanto os meninos se preparam para as habilidades da capoeira, as suas colegas armam uma pequena feira — míni-feira do Caxixi, como a batizaram, utilizando objetos de cerâmica, madeira, couro, palha, tudo feito por eles mesmos e pertencente ao acervo da Escolinha.

Como explica a professora Rosita Salgado, sempre que se termina uma unidade, ela reúne todos os professores das

diversas áreas que participaram das atividades com os alunos e também os pais destes. É uma aula prática, que tem por objetivo oferecer uma demonstração de globalização de uma unidade de trabalho.

E o batuque começa, comandado pelo atabaque do tio King. As meninas batem palmas, cantam, fazem o ritmo. No cen-

A aula integrou conteúdos de comunicação e expressão e estudos sociais. Os seus objetivos foram: adquirir conhecimentos relacionados com aspectos históricos, econômicos e de folclore e arte da Bahia; utilizar esses conhecimentos relacionando fatos e personagens nas dimensões geográficas; desenvolver a capacidade de auto-expressão através do movimento corporal, da manipulação de elementos visuais e de expressão oral e escrita; desenvolver a capacidade de comunicação correta; adquirir interesse pela leitura, descobrindo a importância da mesma para a formação pessoal; valorizar a necessidade de preservar elementos culturais da comunidade, tais como costumes, cultos, folclore, arte do negro. Compreender a importância dos fatos científicos e sua aplicação na vida comum.

O conteúdo da aula foi o estudo da realidade sócio-cultural e histórica do Recôncavo Baiano. Orientados pela professora, os alunos fizeram exposição oral do tema e demonstrações de expressão corporal, através de danças e jogos.

tro do grande círculo, dois meninos se preparam para o jogo da capoeira. Mas, antes, vem a explicação do jogo, dada por uma aluna:

— A capoeira é um jogo que foi trazido à Bahia pelos escravos de Angola, sendo conhecida desde o século XVI. No tempo do senhor de engenho, a capoeira foi muito perseguida. Os negros fugiam à sanha dos seus senhores usando música, dança e pantomimas. Foi então que o berimbau apareceu para acompanhar os passos do jogo.

— O maculelê é um misto de dança e de luta, praticado em todo o Recôncavo Baiano, mas de modo todo especial em Santo Amaro da Purificação.

Tocam os atabaques. O seu som vai misturar-se às vozes claras das meninas. Os meninos iniciam os seus jogos e danças, executando os mais diversos movimentos, saltando, fazendo acrobacias, pondo-se de cócoras, realizando cambalhotas, arrancando aplausos de todos os presentes e um sorriso, cúmplice, de aprovação do tio King. Ora eles dançam armados de paus, ora com facões, sempre acompanhados pelo ritmo dos atabaques, pandeiros e berimbaus.

Depois das danças e demonstrações, a professora dá a aula por terminada. As professoras aplaudem, os pais se mostram entusiasmados, as crianças se sentem igualmente felizes.

No capítulo referente às artes plásticas, os meninos exibiram trabalhos de xilogravura, pirogravura, desenho, pintura e cerâmica.

O problema da avaliação é solucionado através de debates sobre o assunto, organização e elaboração de cartazes, murais e fichas. Pelo estudo de todas essas atividades, a professora pode verificar a criatividade na expressão, a dimensão corporal e plástica dos seus alunos. Todas as observações são registradas e, somadas aos resultados obtidos através de testes, vão constituir aqueles elementos dos quais o professor se utiliza para obter um parecer global sobre o aluno.

Vale acentuar a felicidade em integrar, numa aula sobre a realidade do Recôncavo Baiano, tantos elementos de importância: os fatores geográficos e históricos, as riquezas da cultura, a origem das tradições, o acervo folclórico da região. E tudo numa aula marcada pela intensa (além de alegre e desinibida) participação de todos os alunos e que culminou com as suas exposições de danças e jogos.

“CLEÓPATRA ZANGADA”, EXPOSTA NA ESCOLINHA DE ARTE DA BAHIA.



«Cleópatra Zangada» e «Menina Sem Jeito» são dois dos 150 desenhos de alunos da Escolinha de Arte da Bahia, expostos no pátio da escola, na Avenida Sete. Eneida Sanchez, segundo ano primário, desenhou um elefante, «bicho que eu

gosto mais, porque ele é grande».

A exposição da Escolinha de Arte da Bahia é mais uma parte do programa da Semana da Criança homenageada por lá. Foi inaugurada às 10 horas de ontem, e meia hora depois houve uma representação teatral do curso infantil sobre «Chapéuzinho Vermelho». Hoje às 10 horas haverá uma apresentação dos grupos de coral e dança moderna, da

VARIAS TÉCNICAS

Os desenhos na exposição são de várias técnicas: lápis cêra com óleo de linhaça, colagem e outras. Ficará aberta ao público pela manhã e à tarde até a próxima terça-feira. Quase todos os trabalhos infantis não têm nome, mas as crianças autoras quando chamadas põem os títulos nos desenhos. Patrícia Johnson, primeiro ano primário, fez uma menina com várias pintas pretas e explica que é «a menina sem jeito, que não gostava de tomar banho». «Leão Deitado», «Baleia» e «Velho Dormindo» são outros desenhos da Escolinha de Arte da Bahia, na sua interessante exposição.

Mostra infantil

agrada todos

Doc. 6

Nem a criança nem o adulto mais disperso conseguem furtar-se à força de expressão e colorido que os pequenos artistas da Escolinha de Arte da Bahia transmitem nas suas obras de pintura, desenhos, xilogravuras, cerâmicas e composições geométricas, expostas, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, ao público, pela manhã e à tarde.

Flôres, figuras humanas, objetos inanimados tomam vida e refletem, nos cavaletes, um mundo diferente e sem sombras das crianças, que demonstram a percepção e aceitação de uma educação integrada, a qual contribuiu para desenvolver-lhes o poder criativo e o espírito crítico.

Oitenta trabalhos de 25 crianças da Escolinha de Arte da Bahia estão fazendo parte da exposição que, com algumas modificações, já foi apresentada, ano passado, no Museu Regional de Feira de Santana, com grande sucesso. Sob a orientação da professora Adèle Balázs, os artistas mirins estão apresentando temas livres, que representam toda a liberdade de criação infantil no seu mundo de expressão própria, e trabalhos de temática orientada com desenhos-pintura, fixando a história de "Pedro e o Lobo", de Procafiow, que são o resultado de uma ilustração feita pelas crianças, ano passado, para o Teatro Santo Antônio — Escola de Teatro — por ocasião da apresentação da peça.

Muito difícil é dizer-se quais os trabalhos melhores. O colorido vivo, sem aberração, a força de expressão que prendem os visitantes são uma característica constante de todas as obras dos 25 participantes da exposição. No entanto, há alguns que já revelam maior amadurecimento artístico, refletindo um domínio da técnica, capaz de fazer inveja a muitos veteranos. Dentre esses, estão Eva Risum, com seus oito anos, e completa segurança na execução dos traços fisionômicos das suas figuras; Carlos Geraldo, que faz uma arte de expressão própria que deixando entrever uma caricaturação do meio ambiental; Luiz Henrique, de 10 anos, autor de "Flor Morta"; e Antônio Sérgio, que já pode ser considerado um artista, apesar de sua pequena idade.

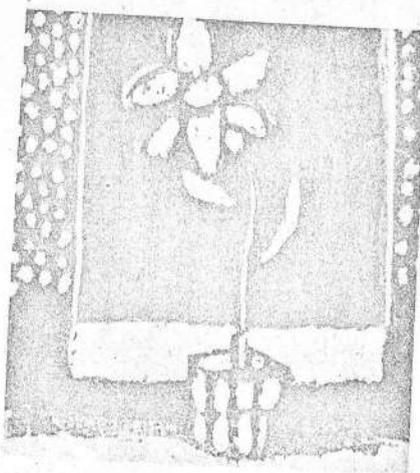
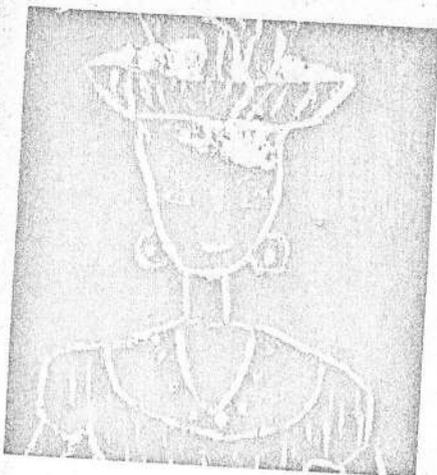
"A exposição dos trabalhos de arte das crianças da Escolinha de Arte da Bahia é o resultado das atividades artísticas integradas à escola primária" afirmou a professora Rosita Salgado, diretora e professora da Escolinha, que nunca fala em termos individuais, porque o ensino para ela é um trabalho de equipe. Atualmente com 150 alunos, a Escolinha de Arte mantém a educação integral através do Jardim de Infância, Alfabetização e Primário, ministrados, concomitantemente, aos cursos de Música, Dança, Capoeira e Artes Plásticas. Pelos dois turnos, cerca de 15 professores dão aos estudantes a formação integral, pois estão "conscientes de educar superando ensinar".

A professora Rosita Salgado há muito preocupada com a formação educacional do jovem baiano vem se batendo perante os órgãos públicos para dar ao currículo primário e secundário uma orientação artística. No entanto, poucos a ouviram e nenhum lutou para se dar à formação artística maior interesse na Escola baiana. Agora, a Universidade incluiu Percepção Artística para o vestibular único de 1971. "É um absurdo", declarou a professora Rosita, exigir-se dos estudantes um conhecimento para o qual não receberam o menor instrumental. Porém, essa talvez seja a salvação da formação artística do estudante baiano, que, se não cursou a Escolinha de Arte ou os Seminários de Música, terá de esforçar-se para obter o mínimo de conhecimento artístico para a sua aprovação em TI.

DN - Salvador, 3/4/70

TRIBUNA DA BAHIA * Salvador, 4 de abril de 1970 * Pág. 2

AS CRIANÇAS EXPÕEM NO ICBA.



Cinquenta trabalhos de crianças entre seis a doze anos, alunas da Escolinha de Arte da Bahia, estão em exposição no Instituto Cultural da Bahia até o dia 10.

Os meninos e meninas da Escolinha de Arte da Bahia foram orientados pela professora Adele Balazs. Segundo a Diretora da Escolinha, Professora Rosita Salgado Góes, a grande novidade da exposição são os trabalhos em cerâmica esmaltada, quando a criança molda o barro, faz cinzeiros e bonequinhos, depois os pinta e procede a esmaltação.

— Arte educa a criança. Quando ela pinta, está descobrindo o mundo e as relações das cores — disse a Professora Rosita, informando que toda criança sente grande alegria ao descobrir uma cor inteiramente nova para ela, resultado de uma mistura realizada por suas próprias mãos.

LOBO NA EXPOSIÇÃO.

Agradecendo a colaboração do ICBA, «entidade que nos dá muito apoio», a Professora Rosita informou que os trabalhos artísticos de seus

alunos já estão sendo solicitados para decoração de gabinetes dentários e consultórios médicos infantis. Sorrindo comentou que alguns trabalhos são vendidos e contou o caso de um garotinho que, após ter vendido um quadro por NCr\$ 50,00, lhe disse:

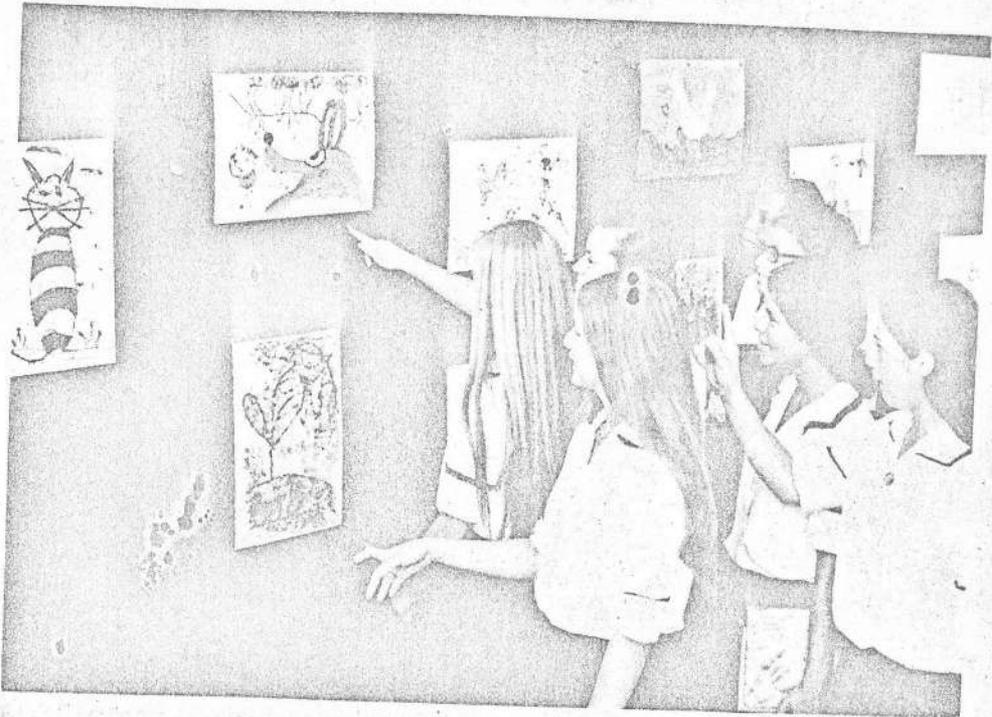
«Acho que cobre barato, não?»

Nos quase 50 trabalhos infantis expostos no ICBA, meninas, meninos, animais e flores é a temática constante. Um deles mostra um boi, uma margarida e o sol, marcados pelos olhos do pintor infantil. Os trabalhos de cerâmica esmaltada mostram bonequinhos e cinzeiros, «uma coisa que eles adoram fazer» — completa a Professora Rosita.

Completando a mostra, uma série de desenhos dos alunos da Escolinha de Arte da Bahia que serviram de ilustração à montagem da peça «Pedro Lobo», de Prokofiev, encenada por eles no ano passado. Aparentando as paredes da Escolinha, onde não se vê quadros riscados, Professora Rosita explica que «aqui, as crianças apreciam e discutem os trabalhos dos outros, aprendendo a respeitá-los».

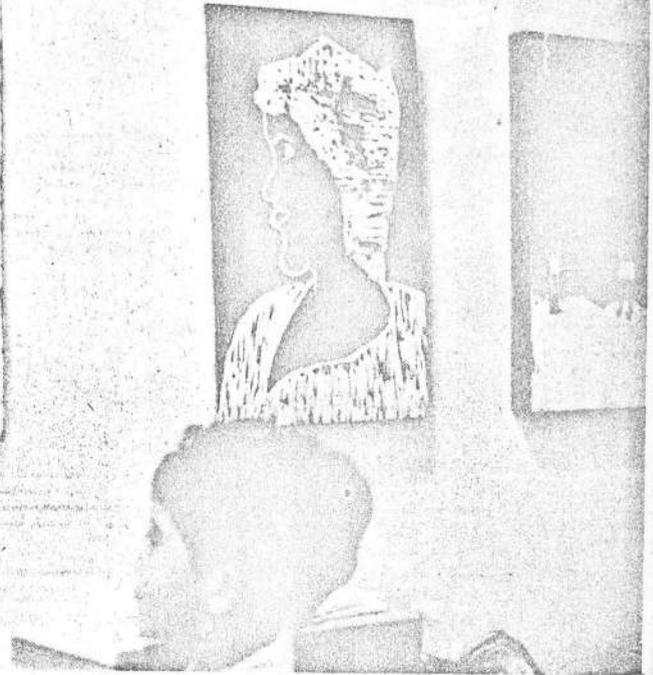
ARTE NO ICEIA

Trabalhos dos alunos da Escolinha de Arte da Bahia estão expostos desde ontem no Salão Nobre do Instituto de Educação Isaias Alves, ainda como parte das comemorações pelo 134.º aniversário deste estabelecimento. A professora Rosita Salgado é quem se encarrega de explicar às alunas do ICEIA a significação dos trabalhos e as diversas técnicas empregadas. As comemorações de aniversário do ICEIA prosseguem hoje, com a montagem, no auditório do Instituto, da peça "Passado e Presente do ICEIA", com a participação de grupos de dança e expressão corporal, além de demonstrações em "camas elásticas", com alunos do setor esportivo do estabelecimento.



Doc. 9

**Aqui
a liberdade
é total,
porque a arte
deve ser
livre.
E tôda a arte
é apenas
boa ou má
Nem moral
ou imoral.**



CRIANÇAS APRENDEM QUE ARTE É LIVRE

Concentrada, tôda voltada para sua arte, ela vai usando as côres. No fim, apresenta à professora: — "Isso é um bulldog". Não importa que ela tenha usado o verde, o vermelho. Tudo fica a critério da sua concepção de realidade, porque para Débora e tôdas as outras crianças da Escolinha de Arte da Bahia a liberdade de criação existe.

Dança, música, teatro e artes plásticas fazem parte do currículo normal do curso primário da Escolinha de Arte. "O objetivo é desenvolver as aptidões artísticas latentes na criança, que muitas vêzes não atravessa êsse limite por falta de orientação correta", afirma o Prof. Waldemar Nobre, de Teatro.

PINTURA

— O que eu gosto mais de fazer é pintura. Mas, não gosto de copiar e sim de criar". — Com um sorriso enorme, Vânia pára um momento de fazer o seu desenho a lápis-cêra para dizer isso. Volta em seguida ao trabalho, mas depois continua: — Sabe, eu já trabalhei numa pecinha de teatro. É muito bom, mas não é melhor do que pintar".

No entanto, ainda existindo tôda a liberdade de criação, pode-se observar a influência das coisas mais em evidência no momento sobre a criança, além do espírito de imitação. Um garoto começa a desenhar a Apolo-XIII perdida no espaço e logo mais três colegas fazem o mesmo. Wilton, um deles, ao fim observa para outro: — O seu céu ficou muito escuro, assim eles vão se perder mesmo".



EXPOSIÇÃO

Por tôda a parte do prédio da Escolinha de Arte estão expostos quadros feitos por alunos, desde os de 5 anos, do curso infantil, até os de 11 ou 12, que não fazem o curso primário, mas o curso livre, à tarde. As técnicas empregadas para êsses quadros são as mais diversas: tinta óleo, guache, pirogravura, papel, mistura de tinta e cerâmica, anilina. Mas, em se tratando de artes plásticas, não apenas isso fazem as crianças da Escolinha de Arte. A escultura em cerâmica é bem difundida e uma porção delas estava

exposta até alguns dias no ICBA. "No entanto, não foram levados à exposição os melhores trabalhos, mas todos que foram feitos num determinado período, porque aqui não se trata de promover determinadas crianças, mas desenvolver tôdas", explica o Prof. Waldemar Nobre.

Alguns quadros, segundo o Prof. Waldemar, causam profunda admiração até mesmo em artistas, sobretudo por serem feitos por crianças menores de 12 anos. Contudo, são essas mesmas crianças, tendo a mais do que as outras a possibilidade de desenvolver desde cedo as aptidões artísticas, que terminam às pressas e sem muita atenção o seu desenho, quando bate a sirene para o recreio. E, no pátio, a correria, o riso, é o mesmo das demais escolas primárias.

TEATRO

O teatro, como a pintura, parece ser uma das artes que mais desperta o interesse da criança. Falando dêle é que Iasnaia, uma garotinha de 6 anos e que faz o segundo ano primário, diz: — "Eu só trabalhei em uma peça. Mas vou ter que trabalhar em outras porque gostei demais. Acho que é o que mais gosto de fazer aqui". Nos primeiros anos as crianças apenas discutem as peças e ensaiam. Nos últimos, o estudo é mais profundo, inclusive com discussões sobre as várias fases do teatro, desde o grego. Até hoje só uma peça foi suspensa, porque impressionou demais os garotos, como explica Waldemar. Foi Antígona, classificada com muito humorismo por uma criança de "peça das mortes".

PINTURA

— O que eu gosto mais de fazer é pintura. Mas, não gosto de copiar e sim de criar". — Com um sorriso enorme, Vânia pára um momento de fazer o seu desenho a lápis-cêra para dizer isso. Volta em seguida ao trabalho, mas depois continua: — Sabe, eu já trabalhei numa pecinha de teatro. É muito bom, mas não é melhor do que pintar".

No entanto, ainda existindo tãda a liberdade de criação, pode-se observar a influência das coisas mais em evidência no momento sôbre a criança, além do espírito de imitação. Um garoto começa a desenhar a Apolo-XIII perdida no espaço e logo mais três colegas fazem o mesmo. Wilton, um dêles, ao fim observa para outro: — O seu céu ficou muito escuro, assim êles vão se perder mesmo".



EXPOSIÇÃO

Por tãda a parte do prédio da Escolinha de Arte estão expostos quadros feitos por alunos, desde os de 5 anos, do curso infantil, até os de 11 ou 12, que não fazem o curso primário, mas o curso livre, à tarde. As técnicas empregadas para êsses quadros são as mais diversas: tinta óleo, guache, pirogravura, papel, mistura de tinta e cerâmica, anilina. Mas, em se tratando de artes plásticas, não apenas isso fazem as crianças da Escolinha de Arte. A escultura em cerâmica é bem difundida e uma porção delas estava

seu desenho, quando bate a sirene para o recreio. E, no pátio, a correria, o riso, é o mesmo das demais escolas primárias.

TEATRO

O teatro, como a pintura, parece ser uma das artes que mais desperta o interesse da criança. Falando dêle é que Iasnaia, uma garotinha de 6 anos e que faz o segundo ano primário, diz: — "Eu só trabalhei em uma peça. Mas vou ter que trabalhar em outras porque gostei demais. Acho que é o que mais gosto de fazer aqui". Nos primeiros anos as crianças apenas discutem as peças e ensaiam. Nos últimos, o estudo é mais profundo, inclusive com discussões sôbre as várias fases do teatro, desde o grego. Até hoje só uma peça foi suspensa, porque impressionou demais os garotos, inclusive Waldemar. Foi Antígona, classificada com muito humorismo por uma criança de "peça das mortes".



1969

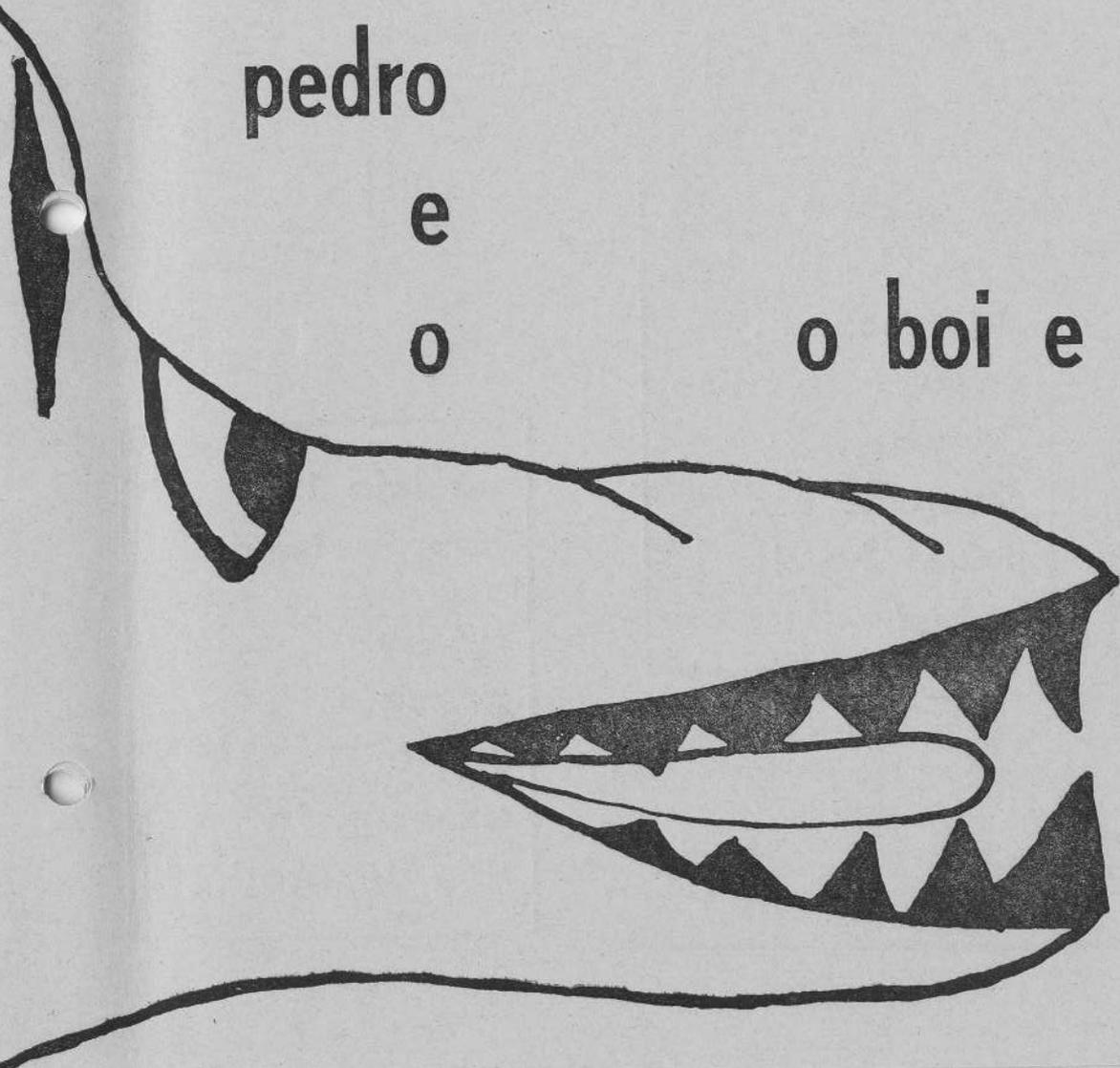
Doc. 10

pedro

e

o

o boi e a



legal! comprei
no mercadinho
do disco . . .

o que?

disquinhos de
estórias abaixo
do preço . . .
rapaz! o trôco
dá para
comprar um
saquinho de
balas!

onde ?

na loja 1
barroquinha, 2
na loja 2
praça da sé,
frente á
assembléia
dos deputados!

a p r e s e n t a ç ã o :

25 e 26 outubro
8 e 9 novembro
15 e 16 novembro

teatro santo antônio ufba araujo pinho 27
canela

escolinha de arte da bahia
apresenta

o boi e a margarida

conto
adaptação
música

walmir ayala
rosita salgado
folclórica

pedro e o lobo

conto musicado

prokofieff

a m o s t r a d e a r t e i n f a n t i l

professôra adéle balàzs

assumimos a responsabilidade de educar.

paradoxalmente, foram as crianças que nos mostraram ser o campo da expressão humana mais profundo e nos levaram a reformular o conceito de educar, com a criação da escolinha de arte da bahia, em 1951.

não será necessário considerar todos os aspectos do mundo em via de socialização e a evolução acelerada que a civilização experimenta nas últimas décadas do nosso século para sentirmos os obstáculos de reformulação e adaptação e as dificuldades que se acarretam na educação.

consideramos os traços mais marcantes das repercussões profundas que essa evolução pode atuar sobre a "personalidade da criança" e a "dificuldade de ser".

o primeiro passo de toda a aprendizagem da vida é a expressão e o desenvolvimento da descontração e da espontaneidade constitui a primeira etapa do nosso trabalho.

integrando "arte na educação" atingimos a espontaneidade da criança e a sua necessidade de se expressar livremente.

preconizamos a pedagogia da expressão que conduz ao "maravilhoso", ao "fantástico" e ao "realismo" no alargamento dos conhecimentos, na simulação da imaginação e poder de criatividade, no desenvolvimento da linguagem, na aquisição do senso de observação, espírito de crítica responsabilidade e auto-domínio, na abertura às múltiplas formas de expressão e na valorização do trabalho em grupo.

eis por que ousamos apresentar pedro e o lobo em cena. pela primeira vez será personificado ao vivo o conto musicado de prokofieff.

a apresentação de "pedro e o lobo" e de "o boi e a margarida" de walmir ayala é o resultado da pedagogia da expressão. dança, teatro, música e artes plásticas na educação primária.

crianças, em cena, vivenciando o equilíbrio da sensibilização estética e a faculdade da transferência de personalidade, sem deformações e imposições, livres nas suas experiências de espontaneidade e conscientes da ação em grupo.

participam crianças dos cursos primários e de artes da escolhinha sob a orientação da equipe de educadores conscientes de que "educar" supera "ensinar"

maria rosita saigado góes

o boi

antônio José

a

margarida

isabela

mosquito
s a p o
peixe
lua

ana flávia
cláudio
aído
mônica

açude
ene rose
na. clara
ma fátima
mimá
minor
rosa maria
silvia
virgínia

vento
ana maria
ester
ivna
lise
marcia
mônica
reré
sandra

margaridinhas

carmen ângela
cláudia
cristiane
cenise
iesnaia
leila
marcia
mônica
mônica
patricia
rita
vânia
virginia
cl. dona

p e d r o

luiz henrique

lôbo

ana lúcia

avô

"sacha" o passarinho

"sônia" a pata

"ivan" o gato

"caçadores"

ubiratan

lourdinha

virginia

carlos geraldo

ayres César

m i m á

virginia núbia

meninas

ana cristina

ana lúcia

ma. clara

mimá

martha

ninon

rita de cássia

rosana

sônia

virginia núbia

gatos

cláudia

cristiana

faty

lenise

liana

lcuise

marta

tânia

thais

passarinhos

carlinhos

ana lúcia

cristiane

isabela

licia

lília

rosana

selma

patos

roberto

aline

diana

lenise

liana

silvana

tatiana

tânia

árvores

ana maria

ester

euridica

ivna

lise

márcia

mônica

reré

natal com disco philips

pedro e o lobo

pequeno principe

missa do morro

coral

com atabaques berimbau

e agogôs

rep. raimundo

rua independência

mamãe a **UTILIZAR**

lhe ajuda a ser prática
com os aparelhos

eletro-domesticos

mas,

não se esqueça de mim,
quero uma radiola no natal
para ouvir estórias e músicas
você encontra

bem no coração da cidade

na rua josé gonçalves 46
ed. excelcior lojas 12, 13, 15
no viaduto da sé tel. 3-2083

alegria...
alegria...
criançada!

o p e q u e n o p o l e g a r
clínica odontopediátrica
av. sete de setembro 73
ed. fundação politécnica bloco b
telefones 3-3127 3-7224

e q u i p e

expressão corporal

anamaria miranda

lais ikissima

expressão cênica

waldemar nobre

caracterização

maria adélia

elementos: plásticos

máscaras

direção geral

rosita salgado gós

capa

elisbela

luiz henrique

agradecimentos :

jesus chediack
joão carlos teixeira gomes
professôres
funcionários

diretor depto. teatro da ufba
jornal da bahia
escolinha de arte da bahia
depto. teatro da ufba
escolinha de arte da bahia

aos pais :

aristides-ivone novis neto
almir-marina embiruçu
aldo-ligia passos cunha
archanjo-wanda de cerqueira
almir-sônia bastos junior
antônio-zilma barros
amarílio-jacy brito
antônio-ma. josé andrade
antônio-ivone silveira
camilo-cleonice domínguez
carlos josé-judith dos santos
carlos francisco-regina de almeida
carlos geraldo-consuelo cliveira
carlos-lenise ravazzano
carlos eduardo-teresinha politano
dermeval-miriam rocha
djalma-daisy villa
durval-angélica gonçalves
evandro-ma. amália costa
édilo-letícia da silva

eduardo-ma. amélia lemos
fernando-vânia macêdo
franklin-ma. dalva c. de araujo
francisco-lise fontes lima filho
gabriel-edith ribeiro
henrique-rosita d. gonçalves
hugo-licia da fonseca
herval-ruth campos
imre-adele balázs
josé raimundo-helena sampaio
júlio-rita paton
josé aureliano-lúcia costa junior
josé-anunciada carvalho filho
josé augusto-cely rangel
joselito-laurivalda brito
josé maria-dora da costa vargens
josé emílio-acelina da silva
josé augusto-jacy vaz sampaio
joão-zilma rezegue
kleber-marlene ribeiro

lacy-jandira rocha
lauro-lúcia fontenelle
luiz-janice sobral
luiz carlos-ianira beck
luiz-silvia braga
manoel-elena escariz
moacir salgado góes
michael-anita pinkus
manoel-rosilda araujo
orlando-ma. helena monteiro
omar-teresa trocoli
osmar-ma. francisca silva
orlando-marialva gonçalves
orlando-ma. zenita marcelino
sabino-katia silva
thirry-cecília kauark lins
terence-ann whiley
teresa lopes
virgílio-célia da mota leal
walter-angela de matos

escolinha de arte da bahia
educação integral

cursos :

jardim
alfabetização
primário

música
dança
capoeira
artes plásticas

tôdas as crianças do curso primário
têm direito à frequência aos cursos
de expressão corporal, cenica e plástica

aprecie: o Dodge Dart
é o carro de luxo de
linhas mais atuais

conheça: o Dodge Dart
é o carro de luxo de
maior aceleração e mais
potente

experimente: o Dodge
Dart é o carro de lu-
xo que tem melhor
suspensão

ame: o Dodge Dart
é o carro de luxo mais
mais econômico

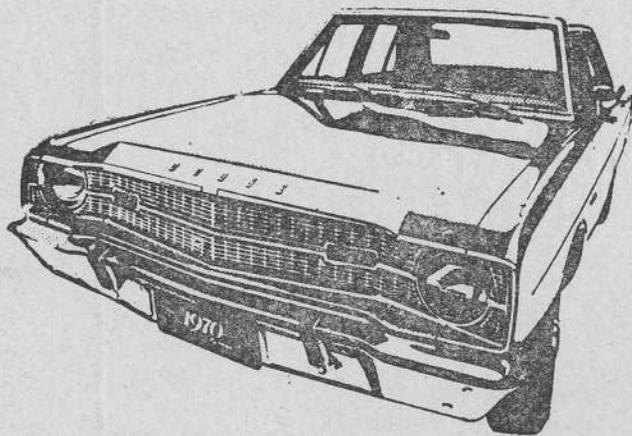
compre: o Dodge Dart
é o carro de luxo
mais seguro

Dodge Dart

REVENDEDOR AUTORIZADO



CHRYSLER
do BRASIL S. A.



BAHIANA VEÍCULOS E MÁQUINAS S. A.

AVENIDA FREDERICO PONTES, 124
FONES: 2-2081, 2-2082, 2-2083
SALVADOR - BA

galileu galilei
 kepler newton
 icaro da vi
 nel julio
 verne
 lourenc
 ogusmä'
 o santos
 dumont
 tsiolkow
 sky godd
 arel gaga
 tin teresko
 wa armst
 rong ziraldo ro
 sita lais arthur th
 ales waldemar Jesus



o departamento
 de teatro da uf
 ba apresen
 ta flicts
 de ziral
 do e a
 conqui
 sta do
 espac
 o de ro
 sita pela
 escolinha
 de arte da
 bahia 13 dezem
 bro de zesse te h.

a espacial
montagem tem
o objetivo
demonstr
trar tea
tro viv
o pres
ente na
escola
primar
ia como
meio de fix
ação da re
alidade 1969



luizhenrique rare
sonia mima rita
maria fatima
gracinha
roberto
maria cia
ra sergio
antonio
ninon pa
ulo virginia
rosinha
euridice
ubiratan
carlos gerald
o vicente qui
therme ayres cesar
anacristina analucia

"FLICTS" PELA EAB

Doc. 12

PÁGINA 3

SALVADOR, SABADO, 20 DE DEZEMBRO DE 1963 — JORNAL DA BAHIA

A demonstração de que a realização de um espetáculo artístico consiste numa visão de mundo capaz de situar a problemática do homem nos seus momentos de dúvida e incerteza frente a realidade dada, esteve expressa na montagem da Escolinha de Artes da Bahia. No último sábado, no palco do Teatro Santo Antônio, numa produção do Departamento de Teatro da UFBA,

Rosita Salgado, Waldemar Nobre e Laís Ikissima desenvolveram um texto de Ziraldo, «Flicts», com um elenco de vinte e cinco crianças de maneira a que possamos confiar no futuro do nosso teatro. O trabalho dos três professores se voltou para a representação de um texto, des preocupados em formar uma equipe de atores-mirins que fôsse a palco mostrar a criança prodígio. Buscaram a efetivação de um trabalho de equipe, dando a cada um a responsável função de dizer um texto, de excelente qualidade e visão de mundo, compondo todo um cenário e ambiência humanas, que alcançasse a sua platéia.

A montagem de «Flicts» de Ziraldo foi composta de duas partes, sendo a primeira a representação recitativa do poema de Ziraldo e a segunda a encenação coreográfica do texto de Rosita Salgado. Na primeira parte, os vinte e cinco alunos da escolinha de Artes, bem postos em cena, fizeram soar as palavras de Ziraldo num ritmo e numa elegância de atores em formação. A obtenção de efeitos, provocados com a projeção dos desenhos do livro de Ziraldo, fazia toda uma cenografia moderna, promovendo o entusiasmo público.

Já na segunda parte, quando se discute, com inteligência o desenvolvimento da Física, os efeitos são mais objetivos, pois o movimento das crianças, a execução coreográfica e a excelência das vozes, ao dizer um texto tão sério, dão um colorido ao espetáculo dos mais significativos.

Rosita Salgado soube, juntamente com Waldemar Nobre e Laís Ikissima, construir toda uma ambiência, soube dar os elementos necessários às suas

crianças para transmitir palavras de Kepler, de Galileu, de Newton, sem que nos surpreendessemos com o peso das suas significações, na era espacial.

A realidade do homem passeando na lua, do cintilar das estrelas, ou do mundanal da «lua é dos namorados» se afirmam na representação feérica de «Flicts». Os alunos da EAB tiveram a necessária sensibilidade para estabelecer o nexo das palavras, o valor das orações, a excentricidade de cada idéia. A coordenação estabelecida para os movimentos coreográficos, tomou forma concêntrica no jato de som e de luz que completavam a ambiência teatral. E explicação como:

— O homem não pára de olhar o céu desde que ergueu sua cabeça pela primeira vez. / Inveja das aves / afinal, os pássaros são simples animais e voam. / No começo, a simples imitação do bater de asas / Icaro — O homem saltava do alto de penhascos e morria sem dar o primeiro vôo.

Se completam na representação em seu colorido real, que atinge a todos.

A montagem de «Flicts» feita pela EAB é madura, ganhou juvenildade em seus atores, se tornou bela e angelical na expressão dos seus movimentos, dando a configuração de um espetáculo de artes, de uma representação de teatro, que raramente assistimos. Esta peça pode, perfeitamente ser representada por adultos para um público adulto, sem perder o mínimo de sua beleza e, neste momento, a merecer considerações mais vigorosas, ponderações de caráter mais filosófico e crítico.

Anotações: Hoje temos no Teatro V. Velha a montagem de «Ivo viu a uva», de Haroldo Cardoso, com Wilson Melo, Reinaldo Nabuco e Leticia Moraes, às 21 horas. / No teatro Castro Alves o hilariante Chico Anísio se apresenta com a sua peça, um dos cartazes mais comentados do sul. Assim boas pedidas para o fim de semana que, tendo muita chuva, precisa ser esquentado com muitas gargalhadas.

CR\$ 45,00

Doc. 13

Visão

Revista semanal - 16 de junho de 1961

FIDE



PERIGO ESTÁ
NO FIDELISMO (p. 20)

BRASIL



ESCOLINHA DÁ ASAS AO TALENTO

“Existem gênios infelizes que, por falta de capacidade de expressão, levam para o túmulo o segredo de suas meditações.”

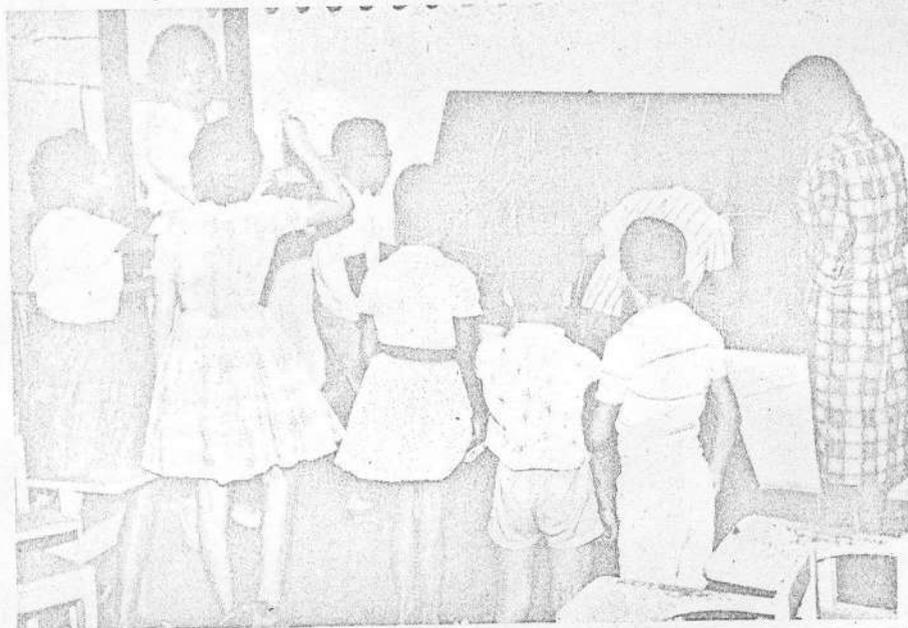
Admitindo que esse conceito de George Sand seja válido, não serão infelizes os gênios mirins de capacidade de expressão limitada, que tiverem a ventura de se matricular na Escolinha de Arte da Bahia. Isto porque o objetivo da Escolinha é justamente ensinar as crianças a se expressarem livremente, visando a preservação da autenticidade de seu poder de criação.

Fiel a esse propósito, a Escolinha, que mais parece uma longa festa improvisada diariamente pelos pequenos alunos, está programando uma série de festejos para comemorar seu décimo aniversário. Entre as programações que se estenderão até o fim do ano constam exposições de desenho e pintura infantil, recitais de música, poesia e *ballet*, representações de teatro, programas de televisão, etc.

Tal expectativa aumentou a agitação da Escolinha. A todo instante, entram e saem das salas guris atarefa-

dos; na sala de desenho e pintura, pequenos artistas manejam seus pincéis, dando largas à fértil e insondável imaginação; no salão de música, ao piano, uma virtuose enlevada executa Mozart, enquanto os outros membros da orquestra experimentam seus instrumentos de sopro.

Merece certo destaque na Escolinha a orquestra composta de garotos



de 8 a 12 anos, denominada "Pequenos Músicos". Vez por outra, ela é convidada a fazer exhibições em solenidades. Em seu repertório encontram-se peças de Haydn, Mozart e outros clássicos.

Maria Rosita Salgado Góis, diretora e fundadora da Escolinha, inquieta, atenta, sempre alegre, comanda o rebuliço. Essa alegria é um prolongamento da felicidade que as crianças irradiam e ao mesmo tempo fruto da satisfação íntima de ver realizado seu sonho de dotar Salvador de uma escola de arte para crianças, dentro dos padrões pedagógicos mais modernos. "A Escolinha se orienta no sentido de promover os meios necessários para a gurizada se desenvolver com o máximo de liberdade. Para se expressarem autenticamente, as crianças precisam ser livres," diz a diretora.

Visão pôde sentir esse clima de liberdade que envolve a Escolinha. É quase imperceptível a ação da equipe de trabalho, composta de onze professoras. Ninguém precisou falar à garotada sobre a conveniência de uma escola, com tantos pintores, ter suas paredes internas decoradas. A pequena Cleonice, apaixonada por flôres, tomou do pincel e começou a pintar um jardim; já Lêda preferiu um galo bem colorido; quanto a Telminha, optou pelas côres do mar e pelos seus misteriosos habitantes. Outras crianças, reunidas em assembléia, resolveram dedicar um mural à Cidade do Salvador. A obra estava apenas esboçada, mas já se podia discernir o Elevador Lacerda, algumas igrejas e modernos edifícios.

* * *

A Escolinha se dedica a tôdas as artes — desde as plásticas até a literatura e a música, passando pela dança, pela mímica, etc. — atingindo assim outro objetivo que é o de identificar a petizada com o ambiente artístico.

"Nosso empenho é complementar o curso primário que dia a dia se torna mais prático. Cremos que, sem uma formação artística, o homem não pode alcançar uma perfeita harmonia intelectual," diz Maria Rosita.

Atualmente estão matriculadas na Escolinha, que funciona de manhã e à tarde, 110 crianças, entre 4 e 12 anos de idade.

A diretora e as professoras reúnem-se mensalmente com as mães dos alunos a fim de debaterem problemas relacionados com a educação dos petizes. Nesses encontros, Maria Rosita, valendo-se de seus conhecimentos de psicologia e pedagogia, aliados à sua experiência de 10 anos de estreito convívio com crianças, procura apontar soluções e corretivos para aquelas que apresentam problemas. Esta é uma das tarefas mais importantes da entidade, cuja equipe busca, por todos os meios, estudar o procedimento dos alunos com o fim de adivinhar o que se passa no interior de suas cabecinhas.

Maria Rosita mostra o fichário que organizou sobre esse assunto. Dê-le consta um "álbum de família", onde cada guri desenha seus familiares. A diretora guarda com carinho "esse documento, que é uma excelente base para pesquisas".

Cada gravura revela a Maria Rosita Salgado Góis um aspecto da personalidade da criança e de seu modo de sentir o ambiente domiciliar. Fazendo observações sobre um trabalho, ela diz: "A criança perfeitamente integrada no lar geralmente se coloca entre o pai e a mãe ao desenhar a família. A omissão de um parente indica, quase sempre, a existência de algum problema relacionado com aquela pessoa. Crianças tímidas costumam desenhar-se nos cantos do papel e, de modo geral, em tamanho muito menor que o das outras figuras."



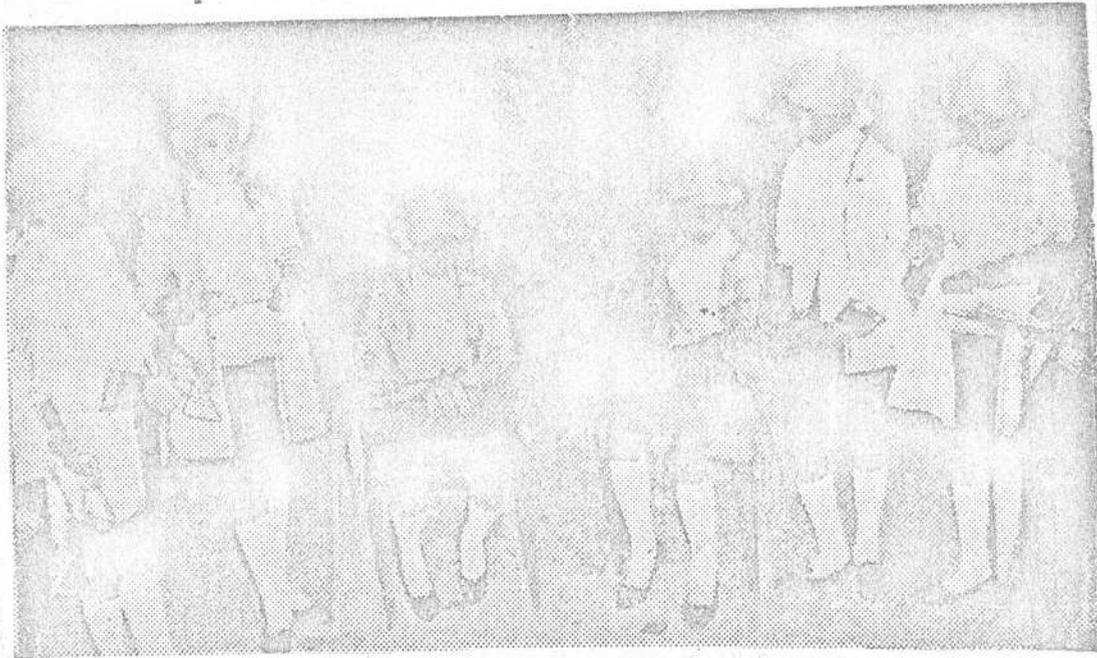
A orquestra "Pequenos Músicos" executa peças clássicas devidamente uniformizada

Jornal da Bahia

2º
caderno

Cidade do Salvador — Quarta-Feira, 23 de Dezembro de 1959

Instalado Ontem no Belvedere Presépio da Escolinha de Arte



Com a presença de numeroso público, instalou-se, ontem, às 18 horas, no Departamento de Turismo da Prefeitura, ao Belvedere da Sé, o presépio organizado pelos alunos da Escolinha de Arte, sob a orientação da prof. Rosita de Salgado Góes.

Causando a melhor das impressões pelo seu perfeito acabamento artístico, o presépio faz parte do programa de comemorações elaborado pela Prefeitura, com vistas aos festejos natalinos em Salvador.

Cantos Natalinos

Na oportunidade, conjunto

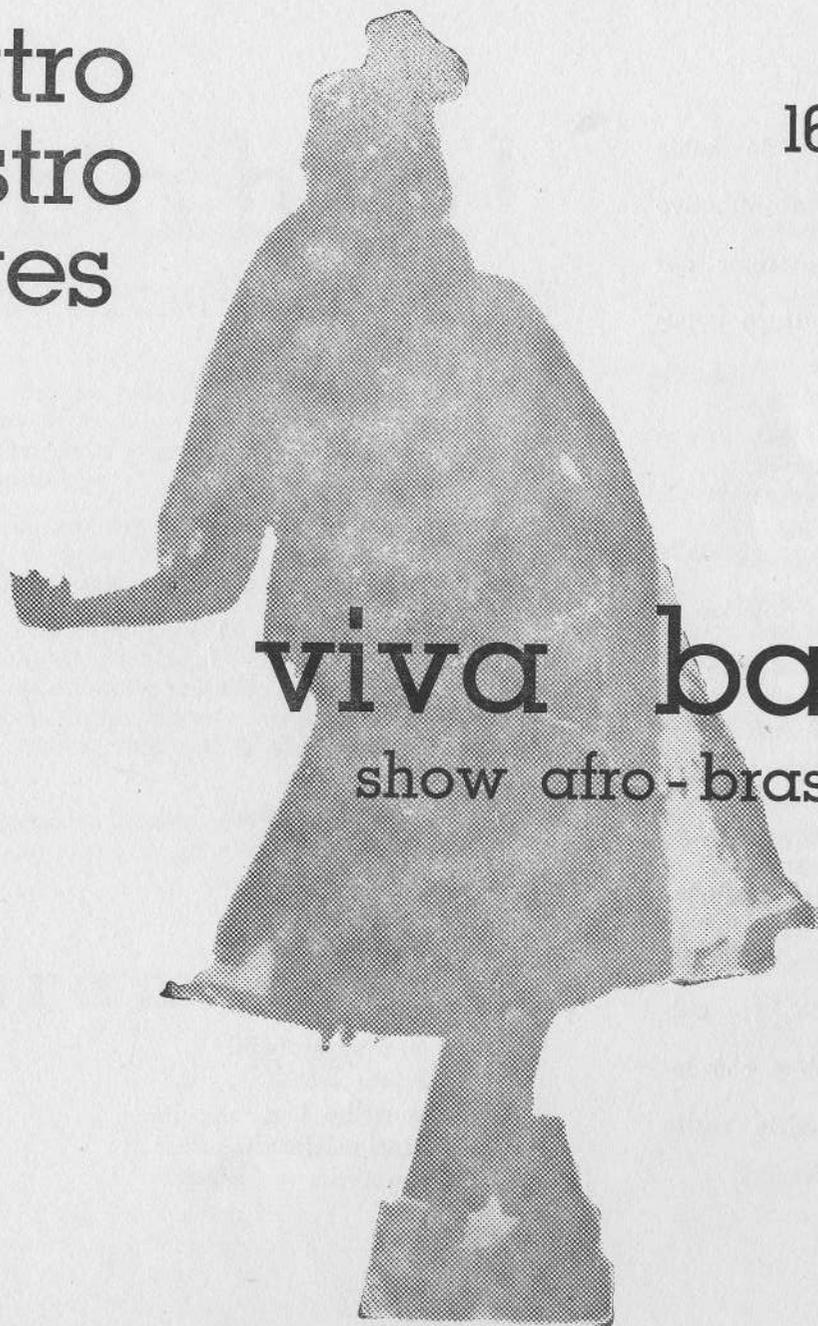
★
coral daquele estabelecimento executou, ainda, belos números de músicas natalinas, obedecendo o seguinte programa:

"Sinos da Aldeia"; "Canção de Natal"; "Dança"; O Tannenbaum (canção alemã no

original) e Noite Feliz. Compunham a Orquestrinha as seguintes crianças: Maria Helena Bouzas; Patrícia Caldas, Maria Clara Santos Oliveira, Ana Amélia Pinto Pinho, Eloisa Santos Silva; Consuelo de Carvalho Mascarenhas, Solange Luz Braga, Lucia Pereira Neves, Eduardo Augusto Vargens, João Roberto Vargens, Maria Clara Melro; Paulo Cesar Santos Oliveira e Conceição Angélica Meira.

teatro
castro
alves

fevereiro
16 - 17 e 18
1968



viva bahia!
show afro-brasileiro

salvador

bahia

conjunto folclórico da bahia criado em 1962 com o objetivo de despertar o interesse dos estudantes pela cultura popular, através de pesquisas e realizações artísticas sem abandonar o aspecto da espontaneidade e autenticidade tão importante no folclore.

grupo pioneiro no estado da bahia, supervisionado e orientado pela profa. emília biancardi ferreira, é constituído de estudantes de vários estabelecimentos de ensino médio da secretaria de educação e cultura do estado sob a coordenação da profa. maria rosita salgado góes;

agradecemos a:

coral sec. educ.
arthur ikissima
helena magalhães
maria lais
waldemar nobre
yumara rodrigues
ibit
imprensa oficial
arlete soares
conselho t. c. a.
funcionários do t. c. a.
imprensa em geral.

viva bahia!

show afro-brasileiro

o ciclo de festejos populares se caracteriza pela expansão da alma popular em ritmos, côres e dança — o **samba de roda** — força viva da plasticidade corporal das nossas “baianas” em requebros e passos cadenciados — cortajaca, separa-visgo, apanha-bago e miudinho.

o jôgo corporal e dança mesclados ao som dos timbres exóticos dos instrumentos agogô, reco-reco, pandeiro e o **inconfundível berimbau** — é a **capoeira** — o toque característico das festas populares.

o “sincretismo religioso” é fonte de inspiração para as pesquisas de expressão corporal nas manifestações, vivas da presença do “santo” nos oixás caracterizadas das danças, pelos ritmos e cantos próprios do **candomblé**.

os homens do mar caracterizados pela força física, entregam-se à **puxada da rêde** — evoluindo em ritmos e cantos buscando a dádiva generosa de yemanjá.

maculelê — tolgüêdo popular do recôncavo baiano, em louvação à n. s. da purificação e n. s. da conceição — ao ritmo de grimas e cantos — caracterizado pela destreza e agilidade.

m. r. s. g.

programa

1.a parte

samba de roda
capoeira
candomblé de kêto

2.a parte

puxada da rêde de xaréu
candomblé de cabôclo
maculelê

participam:

aildes
aricelma
helena
helenamaria
luiza
maria teresinha
neuza
stella
alberto
boamorte
hélío
horácio
jorge
josé mostarda
lucídio
luiz carlos
luiz cézar
manoel
marcos
negão
pamponet
paulo cézar
paulo roberto
pastori
porfírio
viló
washington

direção

miguel martin

p r o m o ç ã o

divisão de atividades artísticas
secretaria de educação e cultura

secretário: luiz navarro de brito

diretor: luiz henrique dias tavares

departamento de ensino superior e da cultura

diretora: maria rosita salgado góes

"VIVA A BAHIA"

Rosita Salgado é uma mulher inteligente, dinâmica, realizadora. Sua atividade artística-cultural é conhecida de todos desta quatricentenária cidade. É uma dessas criaturas que não param, trazendo em tudo o que realiza a etiqueta do sucesso. Sua Escolinha de Arte, funcionando há muito tempo no Campo Grande (agora ameaçada de despejo), vem despertando o gosto pelas artes em centenas de crianças. Mas não é sobre a sua Escolinha de Arte que hoje vamos falar. Esta coluna destina-se às suas atividades à frente da Divisão do Departamento de Educação Superior e da Cultura, da qual é diretora e está seriamente empenhada em fazer arte nas escolas de educação média, sendo que, inicialmente, serão postas em execução duas atividades: Teatro e Dança Moderna, a primeira sob a direção de Miguel Martin e a segunda com a colaboração de Lais Ikissena.

No setor de intercâmbio, Rosita Salgado e Miguel Martin, (sendo que este, vaendo-se das suas relações no sul do País), programaram uma série de concertos educativos, que terá início com o violonista Sebastião Tapajós, prosseguindo com o Quinteto Vila Lobos, o Quarteto de Cordas do Teatro Municipal de São Paulo, Terra Trô, Clube de Jazz em Bossa, já estando programados encontros com os compositores jovens da Música Popular Brasileira, a fim de debaterem diversos problemas.

CONJUNTO FOLCLÓRICO

Mas, das atividades de Rosita Salgado entre nós, vale destacar a criação do Conjunto Folclórico da Bahia e do Coral da Secretaria da Educação, sendo este regido por ela.



Rosita Salgado, que à frente da Divisão do Departamento de Educação Superior e da Cultura, vai levar o teatro e a dança moderna às escolas de Educação Média. Ela é em grande parte a responsável pela divulgação do trabalho do ano, haja visto o disco que o Conjunto Folclórico por ela fundado acaba de gravar para a Philips e será lançado nos Teatros Municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos dias 21 e 22, 25 e 26, respectivamente ocasiões em que o Conjunto Folclórico da Bahia apresentará o espetáculo "Viva a Bahia", dirigido por Miguel Martin.

Agora mesmo, o Conjunto Folclórico da Bahia irá visitar o Rio e São Paulo, com o "show" dirigido por Miguel Martin "Viva a Bahia". As músicas deste espetáculo, já foram gravadas pela Philips e o lançamento do disco dar-se-á no Rio de Janeiro, no próximo dia 20 de abril no Teatro Municipal, ocasião em que o Conjunto Folclórico dará dois dias de espetáculos a (dias 21 e 22), seguindo depois para São Paulo, onde o disco será também lançado e o Conjunto dará espetáculos nos dias 25 e 26 no Teatro Municipal de São Paulo, tendo a TV Record contratado o Conjunto para espetáculos exclusivos no Teatro Paramount, sendo que a apresentação será gravada em videotape e projetada em todas as emissoras de TV. do Brasil e no exterior.

INTERESSE

O interesse despertado pelas apresentações do Conjunto Folclórico da Bahia em São Paulo chegou a criar problemas entre a Fundação Anchieta, Cultural Artística e a Prefeitura Municipal, que detinham patrocínio as exibições do Conjunto vencendo a Prefeitura. Já está certa nova amostra do Conjunto em São Paulo, no mês de setembro, para inaugurar a TV Educativa.

Depois dos espetáculos nos próximos dias 25 e 26 em São Paulo, o Conjunto apresentará-se para os universitários paulistas, regressando ao Rio para novas apresentações nos dias 23 e 4 de maio, no Teatro João Caetano, sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura daquele Estado. Também já estão certas aparições do Conjunto nos programas de Hebe Camargo, Bibi Ferreira Sucesso no D'Água num programa com Roberto Carlos.

No mês de maio, depois do regresso do Conjunto, o disco será lançado na Bahia no Teatro Castro Alves e o público baiano terá a oportunidade de mais uma vez aplaudir "Viva a Bahia".

Miguel Martin já planeja dirigir outro "show" com novas manifestações folclóricas afro-brasileiras, que estão sendo pesquisadas.

Teatro Castro Alves

Concerto em Homenagem à
III Conferência Nacional de Educação

Doc. 16

Dia 26 de
abril de 1967

Salvador

Bahia

CORAL da SECRETARIA de
EDUCAÇÃO e CULTURA da
BAHIA

PROGRAMA

I - Missa do Morro

Kyrie
Glória
Santos
Cordeiro de Deus

Solistas: WALTER BOAVENTURA
MARIA TERESINHA LEAL SANTOS
HUMBERTO PORTUGAL DE LIMA
DEODATO MADUREIRA
XÉLIA PORTUGAL DE LIMA

D. DOMINGOS SANCHES

II - Folclore

CANÇÃO DE DOMINGO
OBIALA' KORÔ
TUTU MARAMBA'
GAVIÃO DE PENACHO
PRECE E CANTO DE PESCARIA

(Motivo recolhido em Salinas de Margarida)

Solista: JOÃO CARIA

BRUNO KIEFER
(arr. Kilza Sett. Candomblé Gêge)
(arr. PEDRO JATOBA')
(arr. Francisco Braga)

ANTÔNIO MORAIS

III - Seresta

OLHOS VERDES

Solista: JORGE HAGE

QUIZ DEBAI

Solista: JOÃO CARIA

LUA BRANCA

Solista: DEODATO MADUREIRA

ACORDAI DONZELA

Solista: WALTER BOAVENTURA

CHUA' CHUA'

Solista: EDMUNDO COSTA LIMA

MEU LIMÃO MEU LIMOEIRO

Solista: JOÃO CARIA
HUMBERTO PORTUGAL DE LIMA
MARLE CAMPOS DE OLIVEIRA

BATE, BATE OS TAMANCOS SINHA'

Solista: JORGE HAGE

(arr. Pedro Jatobá)

JORGE HAGE

XISTO BAHIA

CHIQUINHA GONZAGA

Modinha Antiga

PEDRO SA' PEREIRA

C
D
E
L
L
M
N
O
W

Iniciou os estudos em Fortaleza-Ceará, diplomando-se na Escola de Música da Bahia, exercendo posteriormente a cátedra de piano e análise musical. Especializou-se em pedagogia musical e regência coral nos Seminários Livres de Música da Pró-Arte em São Paulo e no Curso Internacional de Férias da Pró-Arte em Teresópolis. Bolsista do Ministério da Educação e Cultura aperfeiçoou-se em educação musical na França (Paris). Bolsista da Universidade da Bahia, estudou, durante dois anos, regência Coral na MUSIKAKADEMIE em Detmold na Alemanha com o Prof. Kurt Thomas e M. Stephani. No campo educacional e artístico vem realizando cursos de orientação musical para professores em São Paulo, em Minas Gerais, a convite da Universidade, na Guanabara pelo INEP, e na Bahia dirige o serviço de Educação Musical do Departamento de Educação e Cultura do Estado. Em 1954 criou e organizou o 1.º Curso Internacional de Férias da Universidade da Bahia, associando música, dança, artes plásticas e teatro. Lutando pela integração das artes na educação, criou em 1951, a Escolinha de Arte da Bahia.

Como representante oficial do Estado da Bahia, tem participado em diversos congressos nacionais e estrangeiros.

C
D
D
E
E
L
L
M
N
O
O

FOLCLORE

Existe um folclore que faz parte da Antropologia, vendo, perquerindo, ensinando...

E o outro que, sem perder as características da ciência, é, sobretudo, reflexo e repositório da alma popular, com suas ternuras, suaves tradições, belezas anônimas.

O folclore não morrerá jamais.

Nenhuma revolução cultural ou técnica alcançará feri-lo. Ao contrário. Há de crescer e encantar as gerações que se sucedem às custas das alegrias e angústias do coração...

Prof. Estácio de Lima

SERESTA

No tempo do lampião a querosene, quando a lua ainda era a doce alcoviteira dos namorados, a seresta reinava nas noites e nos corações.

Costume trazido do Velho Mundo pelo colonizador europeu, desde cedo, ela se integrou nos hábitos do jovem país em formação. Hoje, com a luz elétrica, que acabou com as noites-de-escuro, pondo fim ao sortilégio das noites-de-luar, e com o rádio e a televisão levando a serenata para dentro das casas, o seresteiro deixou de despertar a amada no meio da noite, uma vez que as bem amadas já não vão tão cedo para a cama.

Mas houve tempo, e num passado nada remoto, em que seresta era a grande atração das noites brasileiras. Nas ruas silentes, nas noites de lua, o cortejo sonoro enchia de sonhos o sono das mocinhas, que iam despertando à medida que os violões em pro-

cessão se aproximavam. A via-sacra sentimental dos amorosos tinha suas estações: onde quer que um seresteiro tivesse um coração a palpitar pelo seu amor, aí os violões estacionavam. E então, após a breve introdução solada pela flauta apaixonada, o namorado ou alguém por ele cantava a modinha eleita.

Hoje, os velhos lampiões estão apagados, e o arranha-céu não deixa que a voz do seresteiro chegue aos ouvidos da bem-amada, no seu leito entre as nuvens. E por isso a seresta é apenas uma lembrança, na saudade dos mais velhos. Mas nem por isso ela morreu, pois enquanto houver amor nos corações, ela estará cantando dentro do homem, qualquer que seja o ritmo, não importando local, que tanto pode ser uma boate penumbrosa, como um iluminado estúdio de televisão.

O que importa é que haja amor nos corações, e enquanto houver amor haverá canção.

Wilson Lins

A "MISSA DO MÔRRO"

Pede a organizadora deste espetáculo uma palavra de explicação sobre a chamada "Missa do Môrro", cujas melodias, de autoria do monge beneditino Dom Domingos Sanchis, serão ouvidas no Teatro Castro Alves, orgulho da culta capital da Bahia. Como se não de lembrar muitos, a "Missa do Môrro" foi celebrada duas vezes na Igreja Abacial de São Bento, no verão de 1965. O insólito dos instrumentos que acampanharam as puras melodias, também diferentes do que até então se podia ouvir nas celebrações litúrgicas da Igreja Católica, — causou, na época, não pequeno reboliço. Violões no culto? e, o que era mais inesperado, atabaques e até berimbaus — mesmo se tocados com uma unção profundamente religiosa — pareceram a muitos uma profanação insuportável... E as próprias melodias de uma elevada inspiração sacral como convêm ao culto eucarístico, apresentavam, porém, uma nova fidelidade, em uma ordem de exigências que ainda não tinham sido postas como condição à música cultural; o caráter brasileiro que a situa na linha de criação da autêntica cultura popular. Da mesma fonte, portanto, donde brota o samba popular, corria agora uma onda cristalina, em que a alma brasileira foi capaz de exprimir a sua religiosidade profunda.

Demos graças a Deus que inspirou ao Concílio Ecumênico essa renovação da liturgia e permitiu, com a quebra da fixidez imutável da celebração, essa presença dos valores culturais, constitutivos do gênio do nosso povo, no culto litúrgico da Igreja Católica.

São essas melodias tão puras e religiosas e brasileiras, que, acompanhadas dos humildes e sérios instrumentos populares da Bahia, vai o seletor público de Salvador ouvir e certamente aplaudir neste espetáculo.

Timóteo Amoroso Anastácio, O. S. B.
Abade do Mosteiro de São Bento.

Sopranos

Célia Menezes Portugal de Lima
Daisy Sepúlveda Mota
Deneclides de Sousa Cardin
Eglantina Camelier Tavares
Elíbia Moreira de Barreiro
Lilian Calmon Novais
Lúcia Maria Soares Mascarenhas
Maria Amélia Soares da Cunha
Mari^a José Nascimento Dias
Nilza Maciel Didier
Ofélia Orrico
Wanda Casali Moysés

Contraltos

Agnar de Abreu Brasileiro
Carmem Miranda
Elieth Monteiro de Almeida
Edy Campos de Oliveira
Maria Angelin^a Dantas
Maria Nazareth de Seixas
Maria Terezinha Leal Santos
Margarida Lúcia Kruschewsky Chilazi
Marle Campos de Oliveira
Natália Maria Junqueira Rohms
Neyde Moura de Assis

Tenores

Aguller da Cunha Guedes Eloy
Durval Santa Bárbara Santos
Edmundo Costa Lima
Fernando Santos de Oliveira
Hermes Fernandes
Humberto Portugal de Lima
Luigi Calderozzo
Themistocles Florêncio de Argôlo

Baixos

Walter Trigueiros
Walter Boaventura
Ney Alvares Sobrinho
João Caria
Deodato Madureira
Antônio Cruz
Alberto Melo Santos

PARTICIPANTES DO CONJUNTO

Violões

Josmar Assis
Antônio Félix Gonçalves
Raimundo Corrêa da Cunha
Almiro Oliveira
Antônio Carlos Bastos Baracho
Roberto Campos Ribeiro

Cavaquinho

José Francisco Menezes

Flauta

Pedro Figueirôa da Cruz

Conjunto Folclórico

BATERIA: Emília Biancardi Ferreira

ATABAQUES: Dulcídio Alves da Silva
Luiz César Teixeira
Vilobaldo Ramos Filho

PERIMBAUS: Francisco Assis Manoel
Porfírio Barral
Raimundo Pomponet
Washington Luiz úSantos

Regente

Mariá Rosita Salgado Góes

Teatro Castro Alves

Espectáculos comemorativos de inauguração

Dia 30 de
março de 1967
Salvador
Bahia

CORAL da SECRETARIA de
EDUCAÇÃO e CULTURA da
BAHIA

PROGRAMA

I - Missa do Morro

Kyrle

Glória

Santos

Cordeiro de Deus

Solistas: WALTER BOAVENTURA
MARIA TERESINHA LEAL SANTOS
HUMBERTO PORTUGAL DE LIMA
DEODATO MADUREIRA
EDMUNDO COSTA LIMA

D. DOMINGOS SANCHES

II - Folclore

CANÇÃO DE DOMINGO

PARA PENEIRAR

OBIALÁ KORÓ

TUTU MARAMBA

GAVIAO DE PENACHO

PRECE E CANTO DA PESCARIA

(Motivo recolhido em Salinas de Margarida)

BRUNO KIEFER

ESTHER SCLiar

(arr. Kilza Sett, Candomblé Gêge)

(arr. PEDRO JATOBA)

(arr. Francisco Braga)

ANTÔNIO MORAIS

III - Seresta

OLHOS VERDES

Solista: JORGE HAGE

QUIZ DEBALDE

Solista: JOAO CARIA

LUA BRANCA

Solista: DEODATO MADUREIRA

ACORDAI DONZELA

Solista: WALTER BOAVENTURA

CHUA CHUA

Solista: EDMUNDO COSTA LIMA

MEU LIMÃO MEU LIMOEIRO

Solistas: JOAO CARIA

LILIA CALMON NOVAIS
HUMBERTO PORTUGAL DE LIMA
MARLE CAMPOS DE OLIVEIRA

(arr. Pedro Jatobá)

JORGE HAGE

XISTO BAHIA

CHIQUINHA GONZAGA

Modinha Antiga

PEDRO SA PEREIRA

BATE, BATE OS TAMANCOS SINHA

Solista: JORGE HAGE

Sopranos

Célia Menezes Portugal de Lima
Daisy Sepúlveda Mota
Deneclides de Sousa Cardin
Eglantina Camelier Tavares
Elvira Moreira de Barreiro
Lillian Calmon Novais
Lúcia Maria Soares Mascarenhas
Maria Amélia Soares da Cunha
Maria José Nascimento Dias
Nilza Maciel Didier
Ofélia Orrico
Wanda Casali Moysés

Contraltos

Agnar de Abreu B. silheiro
Carmem Miranda
Elleth Monteiro de Almeida
Edy Campos de Oliveira
Maria Angelina Dantas
Maria Terezinha Leal Santos
Margarida Lúcia Kruchewsky Chilazi
Marie Campos de Oliveira
Natália Maria Junqueira Rohms
Neyde Moura de A. sis

Tenores

Aguiller da Cunha Guedes Eloy
Durval Santa Bárbara Santos
Edmundo Costa Lima
Fernando Santos de Oliveira
Humberto Portugal de Lima
Luigi Calderozzo
Themístocles Florêncio de Argôlo
Urias de Almeida Filho.

Baixos

Alberto Melo Santos
Antônio Cruz
Decdato Madureira
João Caria
Ney Alvares Sobrinho
Walter Boaventura
Walter Trigueiros

PARTICIPANTES DO CONJUNTO

Violões

Josmar Assis
Antônio Félix Gonçalves
Raimundo Correia da Cunha
Almiro Oliveira
Antônio Carlos Bastos Baracho
Oswaldo Simões
Roberto Campos Ribeiro
Juvenal Ferreira de Oliveira
Norman Alvares Sobrinho
Roberto Leony Ribeiro
José Carlos de Oliveira

Cavaquinho

José Francisco Menezes

Flauta

Pedro Figueirôa da Cruz

Conjunto Folclórico

BATERIA: Emília Biancardi Ferreira
ATABAQUES: Ducídio Alves da Silva
Lulz César Teixeira
Vilobaldo Ramos Filho
BERIMBAUS: Francisco Assis Manoel
Porfirio Barral
Raimundo Pomponet
Washington Luiz Santos

Regente

Maria Rosita Salgado Góes

Intervalos de 15 minutos após a primeira e segunda parte

Layout: J. Oswald
IMPrensa OFICIAL DA BAHIA

Entrevista

Rosita Salgado Góes — conhecida em toda a Bahia como uma das pessoas que tem dedicado a sua vida em prol da Arte — iniciou seus estudos em Fortaleza-Ceará diplomando-se na Escola de Música da Bahia, exercendo posteriormente a cátedra de piano e análise musical. Especializou-se em pedagogia musical e regência coral nos Seminários Livres de Música da Pró-Arte em São Paulo e no Curso Internacional de Férias da Pró-Arte em Teresópolis. Bolsista do Ministério da Educação e Cultura, aperfeiçoou-se em educação musical na França (Paris). Bolsista da Universidade da Bahia, estudou, durante dois anos, regência coral na Musikakademie em Detmold (Alemanha), com o professor Kurt Thomas e M. Stepanie. No campo educacional e artístico realizou cursos de orientação musical para professores, em São Paulo, em Minas (a convite da Universidade) na Guanabara, (pelo INEP), e na Bahia dirigiu o Serviço de Educação Musical do Departamento de Educação e Cultura do Estado, órgão hoje extinto. Em 1954 criou e organizou o primeiro Curso Internacional de Férias da Universidade da Bahia, associando música, dança, artes plásticas e teatro. É a este curso, organizado pela professora Rosita Salgado Góes que a Bahia deve todo movimento de música, dança, artes plásticas e teatro hoje existente. Lutando pela integração das artes na educação criou em 1951 a Escolinha de Arte da Bahia. A partir de 1960 foi a responsável pela realização dos Concursos e Maratonas Intercolégiais semanais da música. Confraternização Orfeônicas Cívicas, sendo ainda a responsável pela realização do "Anc Villa Lobos" Concurso de Orfeões Artísticos, criação do Coral da Secretaria de Educação e pela primeira Missa do Morro a ser realizada no Brasil, na qual usou violões, atabaques e bimbambas como instrumentos básicos para as melodias de autoria do monge beneditino Dom Domingos Sanches. Esta nova concepção inserida nas celebrações litúrgicas da igreja católica causou na época, um impacto inesperado parecendo a muitos, uma profanação insuportável e, a outros uma fidelidade nova capaz de exprimir a alma brasileira na sua religiosidade mais profunda.

Não parou aí a sua luta pela arte. Ela continuará lutando pelo seu ideal hoje mais do que nunca, como diretora da Divisão de Atividades Artísticas do Departamento de Educação Superior e da Cultura, cargo para o qual foi nomeada recentemente. Foi em torno desse assunto que elaboramos essa entrevista:

Eu — Rosita, quais os seus planos imediatos para a Divisão de Atividades Artísticas?

Ela — Por em ação as idéias que germinavam há vários anos visando a integração das artes no processo educacional contemporâneo. Atender a juventude sequiosa de auto-expressão baseada no inquérito informativo das tendências artísticas dos nossos jovens que num total aproximado de 3.000 revelaram suas preferências em arte (ato comprovado através de uma pesquisa realizada nos diversos estabelecimentos do Ensino Médio, em 1965, pela Inspeção de Música e

Canto Orfeônico da Secretaria de Educação e Cultura, órgão hoje extinto.

Eu — Basicamente, a divisão se constituirá de quantos setores?

Ela — Na Divisão de Atividades Artísticas, já em fase de estruturação, como as demais divisões do Departamento do Ensino Superior e da Cultura, dois grandes setores se destacam pela sua finalidade: os de Programação e Assistência e os de Estudos e Treinamentos. O primeiro setor globaliza as iniciativas culturais e artísticas dos estudantes, amparando-as e dando-lhes assistência técnica. O segundo setor, enquadra os cursos de treinamento e aperfeiçoamento dos professores de arte, bem assim os cursos de arte nos colégios e escolas estaduais.

Eu — Que tipos de programação ou atividades mais importantes estarão incluídas nestes setores?

Ela — No setor de assistência às Atividades Artísticas, o primeiro passo a ser dado será o levantamento das possibilidades de áreas adequadas e de instalações de ambientes propícios à realização das atividades artísticas nos diversos colégios estaduais assim como a utilização de auditórios, palcos e Concha Acústica do Estado para realizações de festivais artísticos, intercolégiais e espetáculos artísticos educacionais, que serão realizados nos bairros.

A organização e orientação de diversos grupos artísticos — dança, teatro, folclore, corais, bandas de música, conjuntos instrumentais, exposições de artes plásticas e encontros de arte — configura a meta da nossa programação.

— No setor de estudos e treinamento o objetivo imediato da programação será a realização de cursos sobre Arte na Educação visando o preparo de professores de arte que possam atuar nas diversas escolas, contribuindo, efetivamente, para a educação integral.

— A assistência artística vocacional visa ao treinamento das diversas formas de expressão — em cursos de arte — para os alocandos que demonstrarem aptidões e vocações. Os cursos básicos serão: dança moderna, teatro, música e artes visuais e plásticas.

Eu — Como pensa orientar e desenvolver o teatro nos cursos médios e elementares?

Ela — inicialmente, convocar todos os grupos de teatro do curso médio, sentir as suas necessidades e conhecer seus objetivos, partindo das iniciativas espontâneas já existentes para uma orientação mais consciente. Isto é, promover cursos básicos de técnicas de expressão corporal, vocal, musical, coreográfica, plástica e cênica. Acredito que assim, começando a espontaneidade e orientação técnica atingiremos a organização e manutenção de um curso para formação de ator.

No curso elementar desenvolver a arte como linguagem. O teatro globaliza as diversas formas de expressão considerando a sua função principal que é a comunicação. Existe entre todas as artes uma unidade profunda: o ritmo — latente na criança — necessitando de desenvolvimento — como fun-

ção essencial do processo de ensino e aprendizagem no curso elementar. É necessário incentivar os jogos dramatizações e dinâmicas e, ainda, criar situações de aprendizagem, criando fantasmas.

Eu — Com que concretamente, para o funcionamento?

Ela — Distinguir a Divisão de Atividades Artísticas do melhor incentivo possível para a educação artística. O artista contido na filosofia: "educar e enriquecer para alcançar a educação necessária" "inverter" do Secretário de Educação Superior e da Cultura Luiz Navarro de Brito, e da Cultor Rique Dias Tavares, proporcionará os meios dos planos artísticos.

Eu — Mais algum

Ela — Sim, o entusiasmo e a capacidade de trabalho que será o resultado das atividades de coletividade — a fim de proporcionar o privilégio de uma educação além do meu

Assim é Rosita, incansável idealista, entusiasta e capaz de trabalho que será o resultado das atividades de coletividade — a fim de proporcionar o privilégio de uma educação além do meu

Dois Cantadores

"Memórias de dois cantadores, contada por dois cantadores — um Edy e o outro uma cantora — que uniu para contarem a história do homem desde criou até a terra nos e

Título e subtítulo do show que reunirá Edy e cantora — artista jovem que diverte baiano pesquisador de música — e no final do ano de "Melhor Festival de Teatro de Salvador" também considerado também "cal" do ano.

Edy e cantora uniram os textos e a música "Memórias de 2 Cantadores" musical e pesquisador de folclore o melhor baterista do

Cenas & Bastidores

Yumara

nico da Secretaria de Educação não hoje extinto.

asicamente, a divisão se constituiu em dois setores?

a Divisão de Atividades Artísticas, de estruturação como as do Departamento do Ensino e Cultura, dois grandes setores se a sua finalidade: os de Programação e os de Estudos e Treinamento. O primeiro setor globaliza as iniciais e artísticas dos estudantes e dando-lhes assistência. O segundo setor, enquadrando os cursos de aperfeiçoamento dos professores, bem assim os cursos de arte e escolas estaduais.

que tipos de programação ou atividades importantes estarão incluídas?

O setor de assistência às Atividades, o primeiro passo a ser dado é o levantamento das possibilidades de instalações e de instalações de ambiente para a realização das atividades artísticas em diversos colégios estaduais assim como de auditórios, palcos e Centros do Estado para realizações de espetáculos, intercolégiais e espetáculos educacionais, que serão realizados.

orientação e orientação de diversos cursos — dança, teatro, folclore, artes de música, conjuntos instrumentais de artes plásticas e artes — configura a meta da nossa

tor de estudos e treinamento o plano da programação será a realização de cursos sobre Arte na Educação visando a formação de professores de arte que atuarão nas diversas escolas, contribuindo, para a educação integral.

Assistência artística vocacional visando a formação das diversas formas de expressão artística — para os estudantes — demonstrarem aptidões e vocações básicas serão: dança, música e artes visuais e plásticas.

Como pensa orientar e desenvolver os cursos médios e elementares?

Inicialmente, convocar todos os alunos do curso médio para sentir as necessidades e conhecer seus objetivos, para as iniciativas espontâneas já existentes, uma orientação mais consciente: oferecer cursos básicos de técnicas de expressão vocal musical, coreografia e cênica. Acredito que assim, a espontaneidade e orientação oferecidas a organização e manutenção de um curso para formação de ator

elementar desenvolver a arte teatral. O teatro globaliza as diversas formas de expressão, considerando a sua função principal que é a da comunicação. Todas as artes, uma unidade promissora — latente na criança — necessita de desenvolvimento — como fun-

ção essencial do pensamento e da ação. Ainda no curso elementar teremos como objetivo incentivar os jogos mímicos, espontâneos, dramatizações e diversos tipos de jogos cênicos e, ainda, criação de teatros infantis incluindo fantoches, marionetes e máscaras.

Eu — Com que tipo de apoio você conta, concretamente, para colocar esse plano em funcionamento?

Ela — Distinguida que fui para dirigir a Divisão de Atividades Artísticas, acredito que o melhor incentivo virá daqueles que em mim confiaram para assumir os encargos da educação artística. O apoio mais concreto já está contido na filosofia do atual governo, que é: "educar e enriquecer". E acredito que para alcançar a educação integral é também necessário "inverter". Diretamente o apoio do Secretário de Educação e Cultura, Dr. Luiz Navarro de Brito se fará sentir na pessoa do Diretor do Departamento de Ensino Superior e da Cultura, professor Luiz Henrique Dias Tavares que na sua visão ampla, proporcionará os meios para a concretização dos planos artísticos educacionais.

Eu — Mais alguma coisa?

Ela — Sim, o essencial: reunir elementos entusiastas e capazes de integrar a equipe de trabalho que será o alicerce para a implantação das atividades artísticas — alcançando a coletividade — a fim de que a arte não seja privilégio de uma minoria. Por enquanto, é só isso, além do meu agradecimento.

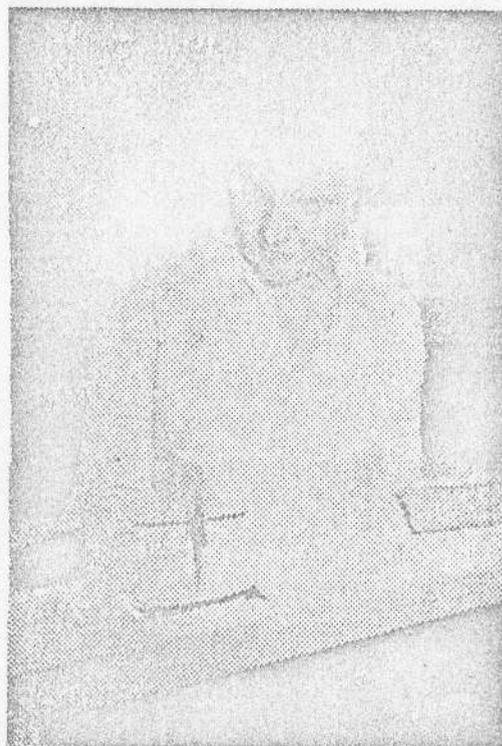
Assim é Rosita Salgado Góes, lutadora incansável idealista consciente do seu dever e das iniciativas e realizações no setor da Arte e da Educação que asseguram um lugar de honra na Bahia. Ela, a respeito por isso e por muito mais, Rosita foi a mestra amiga cuja personalidade marcou profundamente a minha adolescência e cuja figura não ficou apenas na lembrança da saudade do meu passado de estudante. Atravessou o tempo como amiga, conselheira, irmã. A ela devo, em grande parte, o que sou.

Dois Cantadores

"Memórias de dois Cantadores"... "ou a estória, contada ao som de violão de dois seres — um Edy e outro Têca — que a arte uniu para conterem tudo que existe no mundo do homem desde que nossa mãe nos pariu até a terra nos engolir. Amem!"

Título e subtítulo (e mais alguma coisa) do show que reúne Têca — pernambucana da cântica — atriz e cantora consagrada folclorista, jovem que divide os louros com Edy — baiano pesquisador de folclore, cantor, compositor — e no final de tudo recebeu o Prêmio de "Melhor Espetáculo Musical" do I Festival de Teatro de Pernambuco sendo considerado também como o "melhor musical" do ano.

Têca e Edy uniram-se e juntos elaboraram os textos e escolheram as músicas de "Memórias de dois Cantadores" onde o acompanhamento musical está, entregue a Marcelo Melo (compositor e violonista) (flautista e pesquisador de folclore nordestino) e Nani (o melhor baterista do nordeste e que, recém-



● Rosita Salgado Góes

temente, esteve em Moçambique recolhendo folclore).

Pois bem, este show que conta as aventuras de Têca e Edy percorrendo os complexos caminhos do folclore, será apresentado no Teatro Vila Velha de 2 a 6 de janeiro do ano entrante, marcando assim o início da temporada 66 que Deus queira seja melhor para o teatro baiano, AMEM.

Cenas

Encerrando a Temporada 67 temos em cartaz no Teatro Vila Velha, "Cenas do Natal" espetáculo coordenado e dirigido por João Augusto.

No Castro Alves (Concha Acústica) teremos a apresentação do Coral da Secretaria de Educação sob a regência da Professora Rosita Salgado Góes.

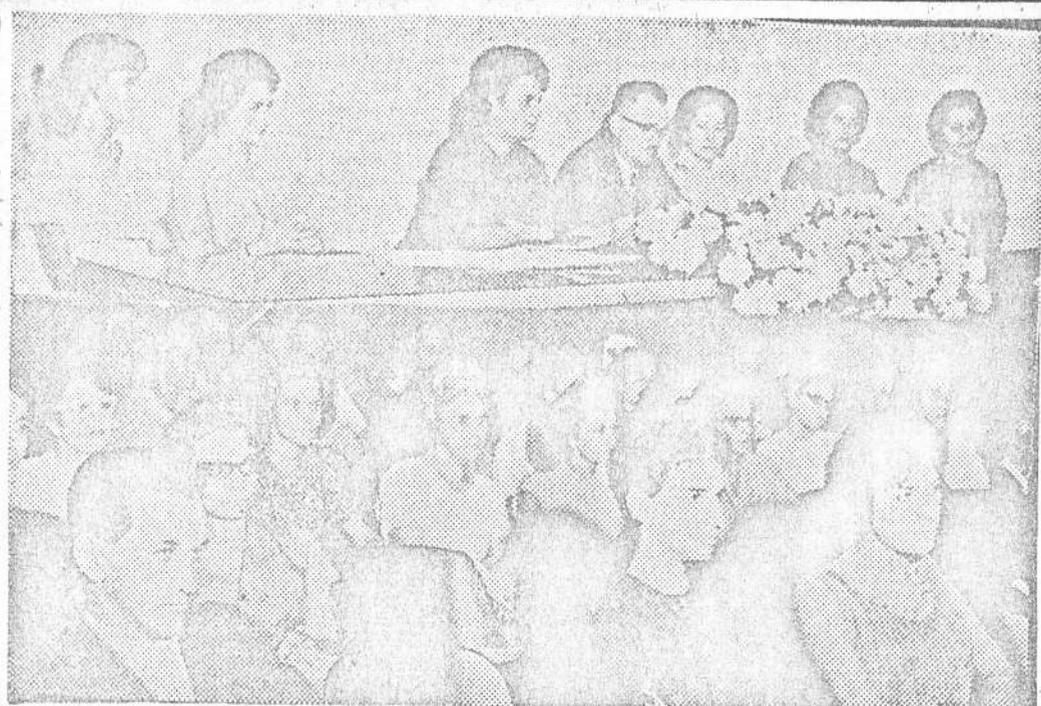
E já que falamos em Castro Alves, a festa de Natal dos funcionários daquela Casa, realizada no dia 22 na Concha Acústica foi realmente muito bonita. A festa culminou com um "show improvisado" destacando-se a improvisação de Arlete Soares.

Desejando a todos um Feliz Natal digo que... é só.

Pt. saudações

até a próxima.

12-7-64 - TARDE



A mesa que presidiu à instalação do I Seminário Pedagógico de Canto Orfeônico, tendo ao centro o secretário da Educação, deputado Wilson Lins, e também uma parte da assistência constituída na sua maioria por professoras especializados em música coral.

FOI SOLENEMENTE INSTALADO O I SEMINARIO PEDAGÓGICO DE MÚSICA ORFEÔNICA

Com a presença do deputado Wilson Lins, secretário de Educação e Cultura, foi instalado, ontem, no auditório do DERBa, o 1.º Seminário Pedagógico de Canto Orfeônico, sob o patrocínio do Instituto de Música e Canto Orfeônico da Secretaria de Educação e Cultura.

O conclave é presidido pela profa. Maria Rosita Salgado Góes, contando com a colaboração de todos os professores de canto orfeônico do Estado.

Instalando-o, o secretário de Educação discursou sobre a importância do canto orfeônico na vida estudantil, não para se des-

cobrir futuros mestres ou novos Carlos Gomes, mas pela felicidade e alegria que a boa música acende na alma da infância.

Ontem mesmo foram escolhidas todas as comissões e iniciados os trabalhos. O secretário Wilson Lins foi recebido no re-

cinto sob os acordes da música orfeônica "Amigo, seja bem-vindo".

PROGRAMA PARA HOJE

Dando seguimento às palestras dos diversos professores convidados, hoje, às 9 horas no salão do DERBa teve lugar a conferência da professora Suzy Botelho sobre "Teoria Musical". Logo a seguir aos cuidados da professora Maria Rosita Salgado Góes seguiu-se a segunda prática de regência coral. As quinze horas a professora Nilza Didier fará uma palestra sobre "Música no Ensino Global". As 16 horas a professora Gertrude Spo fará prática do Seminário de Rítmica.

SEMINÁRIO DE MÚSICA E CANTO ORFEÔNICO

De 10 a 30 do próximo mês será realizado na Capital baiana um Seminário Pedagógico de Música e Canto Orfeônico, cuja organização se insere nas diretrizes educacionais que a profa. Rosita Salgado Góes vem imprimindo ao setor musical da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Nesse Seminário será debatida uma vasta temática concernente às maneiras experimentais de melhor desenvolver o ensino da música nas nossas escolas, o qual está sujeito, quase sempre, às rotinas de uma prática pedagógica improdutiva.

Em sua recente passagem pelo Rio de Janeiro disse-nos a profa. Rosita Salgado Góes da sua intenção de que esse Seminário não se restrinja somente aos núcleos musicais de seu Estado, mas superando essa adesão local possa ele congrega o apoio de outros centros do país. Nesse sentido, estabeleceu contatos com o Ministério da Educação, inclusive o Instituto de Estudos Pedagógicos, mais a Divisão Extra-Escolar e também o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Ainda, entrou em entendimento com educadores de larga experiência orfeônica, como Gazzi de Sá e Adhemar Nóbrega, os quais concordaram em participar ativamente do movimento.

Esclareceu mais a profa. Rosita Salgado Góes que a orientação desse Seminário — visando debater sugestões e formular diretrizes para o exercício da música no ensino global e incentivar a atualização da pedagogia do canto escolar, — é extensiva ao curso primário, secundário e normal. Portanto, o temário a ser debatido abrange não só os processos educacionais básicos, em que se relacionam o preparo técnico especializado da ciência da música e as vivas experiências do canto coral, quanto os problemas de âmbito generalizado, atingindo as implicações de ordem sociológica, econômica e moral. Daí haver a inclusão de temas como "a formação do educador musical — a ser desenvolvido pelo prof. Eurico Nogueira França que também participará do Seminário — inserido em meio a uma dezena de outros assuntos tais como "visão geral da educação musical em diversos países", "música folclórica, base da educação musical", "música e terapêutica", "novas tendências da



Prof. ROSITA SALGADO GOES

educação musical", "métodos e meios auxiliares da educação musical", etc.

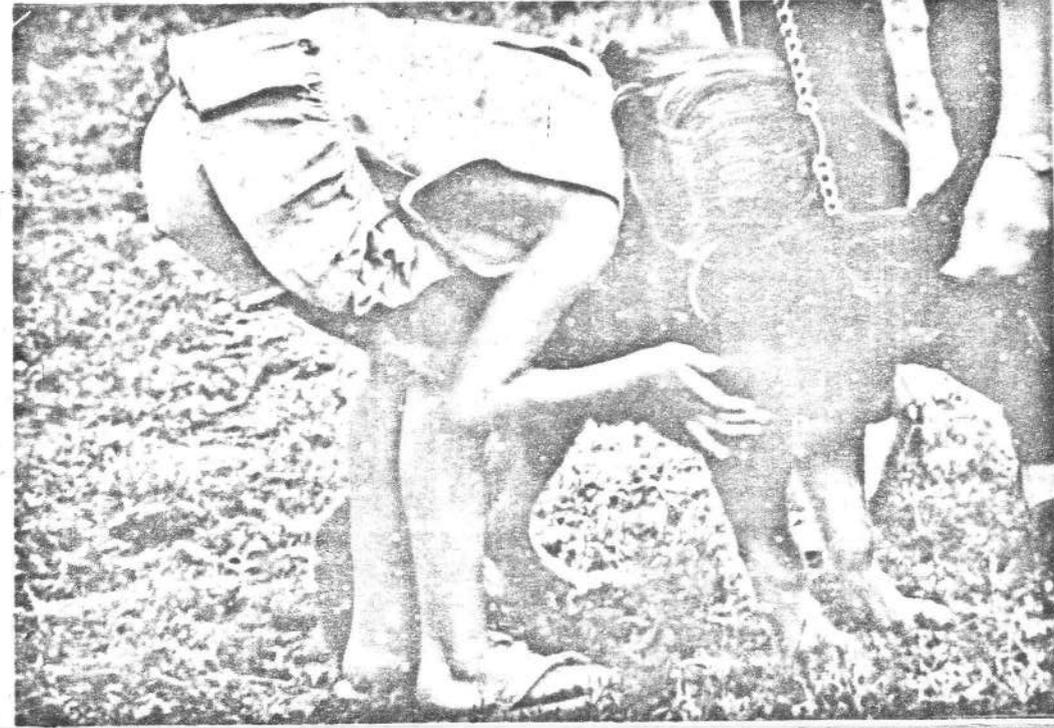
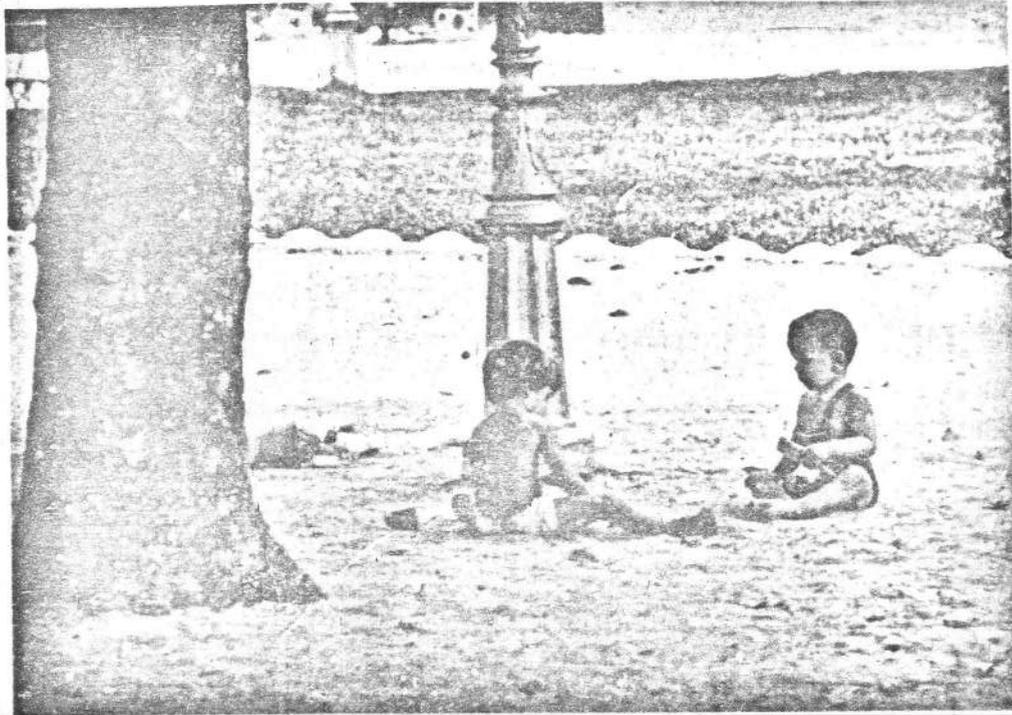
Com a realização desse Seminário Pedagógico de Música e Canto Orfeônico acrescentará a profa. Rosita Salgado Góes mais uma realização de vulto ao ambiente musical e pedagógico da Bahia. No pequeno período em que se tem responsabilizado pelo setor de música da Secretaria de Educação já efetuou movimentos educativos de grande interesse, como a semana comemorativa de Villa-Lobos, em outubro passado, a dinamização do Coral de Professores do Estado; e como inspetora técnica ultimou várias melhorias na disciplina orfeônica das diversas unidades escolares — tendo a seu crédito também, a sugestão inicial para a estruturação dos Seminários de Música da Universidade da Bahia.

Ao concluir essa entrevista sublinhou a profa. Rosita Salgado Góes o apoio integral que a Secretaria de Educação do Estado da Bahia tem dispensado ao seu trabalho, mormente nos preparativos desse próximo Seminário de Música e Canto Orfeônico.

C. D.

NAVES ESPACIAIS SUBSTITUEM O VELOCÍPEDE NO MUNDO DA CRIANÇA

TRIBUNA DA BAHIA * Salvador, 1º de abril de 197



brincar e a coisa mais séria na vida da criança. A caixa de fósforos quebrada na sua frente é um avião, e quem quiser que diga o contrário. Antes, nossas crianças tinham o quintal para brincar, com minhocas, formigas e milhões de pedrinhas a descobrir. Acontece que o quintal foi substituído pelo playground, frio, de mármore, sem nenhum lugar onde escavar.

Outra característica da diversão da criança atual são os brinquedos espaciais. Até que ponto eles substituirão as tradicionais brincadeiras de picula, caubói, arraias e jogo de gude? O Psiquiatra Luiz Fernando Pinto atesta que estas brincadeiras estão "cedendo lugar aos capacetes espaciais e às pistolas de ralo-laser".

Como o adulto deve orientar as brincadeiras da criança, onde elas devem brincar e quais os problemas decorrentes dos brinquedos industrializados são algumas das perguntas que foram respondidas pela Professora Rosita Salgado Góes, Diretora da Escolinha de Arte da Bahia e pelo



e a oportunidade de socialização da criança no convívio e na competição com outras crianças.

TB — Professora Rosita, o que você acha das brincadeiras tradicionais, como picula, jogo de gude, fura-pé, arraias e outras?

Rosita — As brincadeiras tradicionais, mesmo sofrendo adaptações pelas próprias crianças, atestam o valor da auto-disciplina e da auto-socialização. Elas se agrupam, se dirigem e se realizam sem a presença do bicho-papão adulto.

TB — Doutor Luiz Fernando Pinto, a mentalidade espacial nos brinquedos vai acabar com estas brincadeiras tradicionais?

LFP — A atividade lúdica também acompanha o progresso tecnológico e a temática da atualidade. Assim, as arraias e as bolas de gude, embora ainda não superadas completamente, estão cedendo, todavia, lugar aos capacetes espaciais e às pistolas de ralo-laser.

TB — Qual a filosofia da diversão na

brincar e a coisa mais séria na vida da criança. A caixa de fósforos quebrada na sua frente é um avião, e quem quiser que diga o contrário. Antes, nossas crianças tinham o quintal para brincar, com minhocas, formigas e milhões de pedrinhas a descobrir. Acontece que o quintal foi substituído pelo playground, frio, de mármore, sem nenhum lugar onde escavar.

Outra característica da diversão da criança atual são os brinquedos espaciais. Até que ponto eles substituirão as tradicionais brincadeiras de pítula, cauból, arraias e jogo de gude? O Psiquiatra Luiz Fernando Pinto atesta que estas brincadeiras estão "cedendo lugar aos capacetes espaciais e às pistolas de raio-laser".

Como o adulto deve orientar as brincadeiras da criança, onde elas devem brincar e quais os problemas decorrentes dos brinquedos industrializados são algumas das perguntas que foram respondidas pela Professora Rosita Salgado Góes, Diretora da Escolinha de Arte da Bahia e pelo Psiquiatra Luiz Fernando Pinto, Diretor do Instituto Psico-Pedagógico da Bahia. Aqui vão todas as respostas dos dois:

TB — Por que brincar é a coisa mais séria na vida da criança?

Rosita — O brincar é interação, um dos meios de conquista da criança, e sua vida a ela pertence.

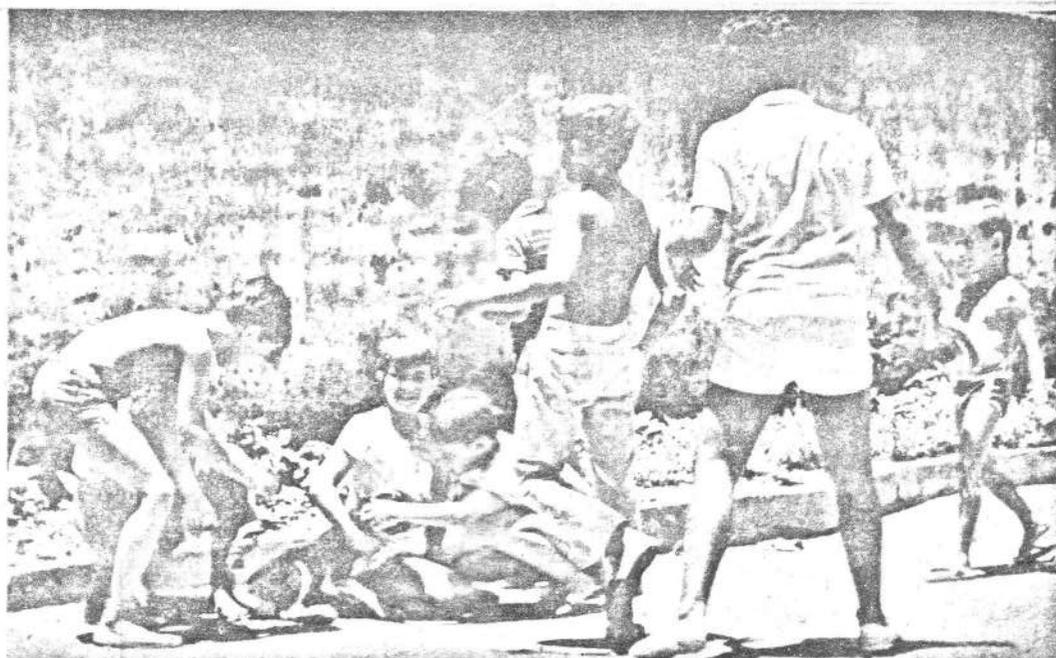
LFP — Antes que a criança se integre no mundo de realidades, vive no seu mundo de fantasias, onde consegue se realizar e superar suas frustrações da vida. Isso ela consegue através da atividade lúdica. O direito de brincar deve ser concedido à criança e a fantasia infantil deve ser respeitada.

TB — O adulto deve participar das brincadeiras da criança, simplesmente orientá-las ou deixá-las à vontade?

Rosita — Difícil é o adulto se tornar criança para acompanhar o ritmo das brincadeiras. São geniais os pais que ainda se tornam crianças com seus filhos para brincar de cavalinho e dar upas, apostar e se deixar vencer na hora de ganhar. O importante é participar, interferir não.

LFP — A participação do adulto no jogo da criança deve ser não diretiva, deixando à criança o direito de escolha do jogo ou do brinquedo e de toda a dinâmica que decorre da situação.

TB — Você aprova ou condena os brinquedos de guerra (revólveres, metralhadoras, etc.). Por que?



Rosita — Porque vamos interferir na auto-criação da criança quando brinca? Um lençol que se transforma numa capa, um simples cabo de vassoura transformado em arco, flecha ou espada é pura imaginação da criança a serviço de suas potencialidades. Os brinquedos mecanizados são efêmeros. Já observamos como a criança se esquece rapidamente de um revólver que recebe de presente? Ela sabe se extravasar melhor com a posição imaginativa das mãos e dar um taratá... descarregando todas suas energias, sem alvo objetivo. Pura imaginação, necessária portanto.

LFP — Não vejo inconvenientes nem perigos no uso de brinquedos bélicos, como metralhadoras, pistolas e outros, pois já está superado o mito de que brincar com artefatos bélicos possa induzir a criança à violência. Acho até que a agressividade natural da criança pode ser dirigida, canalizada e descarregada através do brinquedo com armas, de uma maneira legítima, pois esta agressividade será assim voltada contra figuras e situações imaginárias, ao invés de ser descarregada diretamente contra os figurantes da vida real, contra os quais a criança sinta hostilidade ou revolta. Em outras palavras, não são as armas de brin-

quedo que criam agressividade na criança. As suas origens são bem outras e resultam da carência afetiva, da hostilidade dos pais, dos padrões de conduta negativa que os pais oferecem à criança, de situações sociais (inadequadas) e outras.

TB — Como fazer a criança quebrar as limitações da diversão impostas pela vida de apartamento? O playground substitui o quintal à altura?

Rosita — Seria falta de imaginação se pensássemos que caixas de fósforos substituísem as árvores, que o cimento, ladrilho e cerâmica substituísem o gostoso dos pés na terra pura, que o ar condicionado ou confinado substituísem a ação da clorofila e que as grades e escadas substituísem o espaço livre dos quintais. Dentro das limitações vivenciais, o melhor seria que os pais procurassem oferecer aos filhos um contato direto com a natureza.

LFP — O playground não substitui o quintal, todavia, antes o playground do que o mini-hall do apartamento. Quando a criança de apartamento não dispõe da área livre para correr e brincar, a frequência aos clubes, às praias e a outras atividades de grupo podem suprir esta falta porque, na verdade, o que importa

é a oportunidade de socialização da criança no convívio e na competição com outras crianças.

TB — Professora Rosita, o que você acha das brincadeiras tradicionais, como pítula, jogo de gude, fura-pé, arraias e outras?

Rosita — As brincadeiras tradicionais, mesmo sofrendo adaptações pelas próprias crianças, atestam o valor da auto-disciplina e da auto-socialização. Elas se agrupam, se dirigem e se realizam sem a presença do bicho-papão adulto.

TB — Doutor Luiz Fernando Pinto, a mentalidade espacial nos brinquedos vai acabar com estas brincadeiras tradicionais?

LFP — A atividade lúdica também acompanha o progresso tecnológico e a temática da atualidade. Assim, as arraias e as bolas de gude, embora ainda não superadas completamente, estão cedendo, todavia, lugar aos capacetes espaciais e às pistolas de raio-laser.

TB — Qual a filosofia da diversão na Escolinha de Arte da Bahia?

Rosita — A Pedagogia da Expressão é o alicerce consciente da educação que realizamos na Escolinha de Arte da Bahia. A expressão não se estandariza em compartimentos, horas e recreio. Ela é presente num simples rabisco da criança que se diverte. Se brincar é se expressar, a criança em nossa Escolinha se realiza a cada momento.

TB — Há uma separação nítida entre estudo e recreio, ou é possível as duas coisas juntas?

Rosita — No recreio, o jogo é livre. Nas atividades escolares, o jogo é dirigido.

TB — Doutor Luiz Fernando Pinto, os brinquedos industrializados destruíram a participação da criança na feitura de um brinquedo? O que foi feito da boneca de pano e do trem de caixa de fósforos?

LFP — A industrialização matou a boneca de pano e o trem de caixa de fósforos na casa do rico. Todavia, na favela, a boneca de pano e o trem de caixa de fósforos continuam representando, na imaginação e na fantasia da criança, a princesa e o expresso de luxo. Na casa do menino rico, o trem elétrico importado e a boneca que anda ou que fala representam uma realidade muitas vezes intocável, porque custam muito caro e é apenas para ser contemplado de longe ou manipulado sob a supervisão direta de papai ou de mamãe. Isto frustra a criança porque "brinquedo é para brincar" e "para a criança ver como ele é por dentro".

A TARDE - 1959

Devido ao período de férias, tem havido certa irregularidade nesta secção, cujo principal objetivo é procurar informar os fatos importantes que tenham mediata ou imediata relação com o desenvolvimento musical de nossa terra.

Não quer isto dizer que as notícias dalem devam ser desprezadas. Acontece porém que nem sempre elas correspondem ao interesse do leitor e, se tratando de uma secção preparada com certa antecedência, essas notícias tornam-se superadas e enfadonhas, por já terem sido publicadas em outros locais.

Hoje, no entanto, farei sobre a Escolinha de Arte da Bahia e de sua Diretora e fundadora, profa. Rosita Salgado Goes, explicando de antemão, que estas impressões resultam, exclusivamente, em ter assistido a uma representação de seus alunos e de opiniões colhidas entre pessoas que a admiram e ao seu trabalho. Ainda não tomei contato com a referida Escola e meu conhecimento com a Profa. Rosita vem de simples apresentação, apesar de lhe devotar especial respeito pela sua capacidade de trabalho em muitas atividades artísticas.

Sei que sua Escolinha foi fundada em 1951 com pequeno número de alunos e com deficiência de material pedagógico que correspondesse ao ideal de sua organizadora. Mas, possuída de verdadeiro espírito de luta e com uma vontade firme de vencer, conseguiu ela superar todos os obstáculos que se lhe apresentavam, estando hoje, sua Escolinha situada entre os melhores centros de educação artístico-infantil do país.

Ali as crianças recebem a mais aprimorada e eficiente iniciação artística, aprendem com extrema facilidade o manejo de diversos instrumentos musicais, muitos dos quais fabricados pela própria diretora como resultado de curso feito na Alemanha e, acima de tudo, assimilam com entusiasmo e perfeição o sentido de compreensão e amor ao cultivo da arte. Temos também, um corpo docente categorizado e eficiente que consegue, através sábia direção, dar mostra do quanto se pode realizar nos domínios educacionais da criança.

Vimos, há pouco tempo, na Associação Atlética, uma audição

dos seus pequenos músicos, em Festival Haydn, todos seguros e compenetrados de suas responsabilidades, confirmando, de maneira artisticamente elogiosa, a capacidade de sua direção.

Novos planos estão sendo trabalhados para as atividades do ano corrente, inclusive a formação de um conjunto de meninos cantores, como também apresentações em outros Estados, o que divulgarei tão logo faça uma visita àquela escola.

Porém a profa. Rosita não somente se dedica a ensinar arte às crianças. Ela tem levado sua cooperação, de modo geral, ao desenvolvimento artístico da Bahia, figurando como pioneira do movimento de renovação musical que aqui se iniciou, em 1953, quando ministrou na Secretaria de Educação o curso "Introdução à Técnica Moderna de Piano".

Tendo colaborado de forma relevante na Escola Livre de Música Pro-Arte, em São Paulo, onde obteve grande êxito no curso de Iniciação Musical para crianças e outros que se seguiram sob sua responsabilidade, idealizou e realizou na Bahia os Seminários Internacionais de Música, o que de fato se concretizou em julho de 1954 com a colaboração do Prof. Koellreutter. Daí surgiu uma escola permanente que se denominou Seminários Livres de Música, a qual por motivos incomprensíveis e injustos, não conta, no momento, com a participação profissional da Profa. Rosita, apesar dos cursos que frequentou na França e Alemanha, com a finalidade de se conseguir para o professorado daquela escola um nível de aprimoramento que correspondesse às exigências da pedagogia moderna.

Estando à frente da Superintendencia de Divisão Cultural da Secretaria de Educação, muito tem concorrido para maior desenvolvimento daquele órgão, onde já organizou belíssimo Coral de alguns professores, que se tem apresentado em público sempre levantando calorosos aplausos, como seja a Missa de Natal, cantada na Concha Acústica do Teatro Castro Alves.

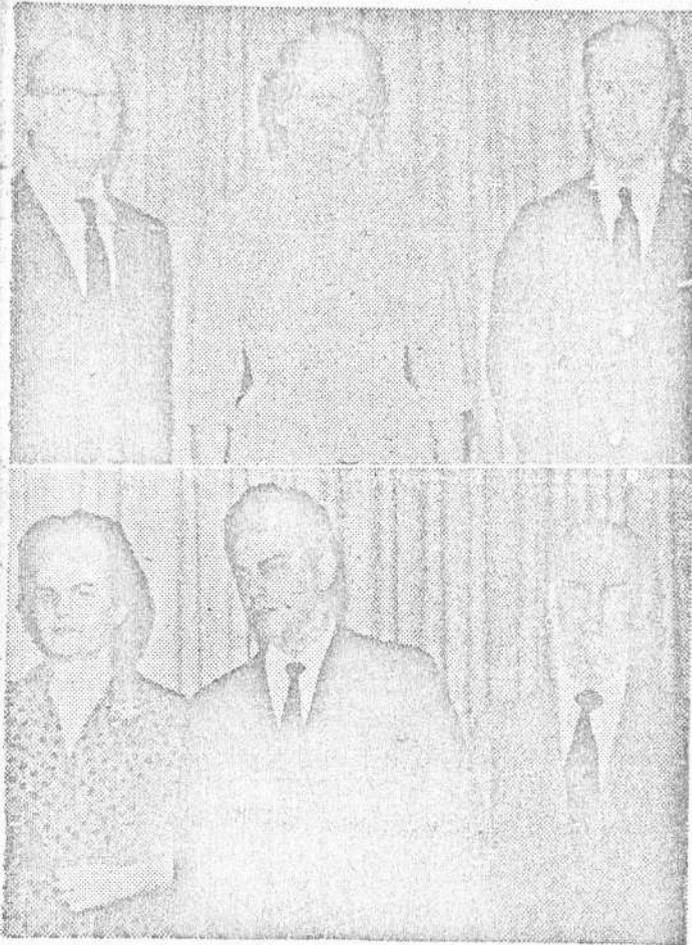
Assim a Profa. Rosita Salgado Goes merece todo nosso apoio e deferência pelo muito que tem feito em prol do progresso artístico de nossa terra e da nossa criança. A ela meu especial apreço e sincera admiração.

MUSICA

EULER

A TARDE — QUARTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1959

Curso musical de férias em B. Horizonte



Realizou-se, recentemente, em Belo Horizonte, pela primeira vez, um Curso Musical de Férias, promovido pela Universidade de Minas Gerais.

Registando o grande êxito alcançado por essa iniciativa do reitor J. Penido, a imprensa local pôs em destaque a atuação de diversos musicistas que compuseram o grupo docente do curso, especialmente o maestro Carlos E. Prates e o prof. George Kuhlman, diretor e orientador, profa. Rosita Salgado Góes e outros.

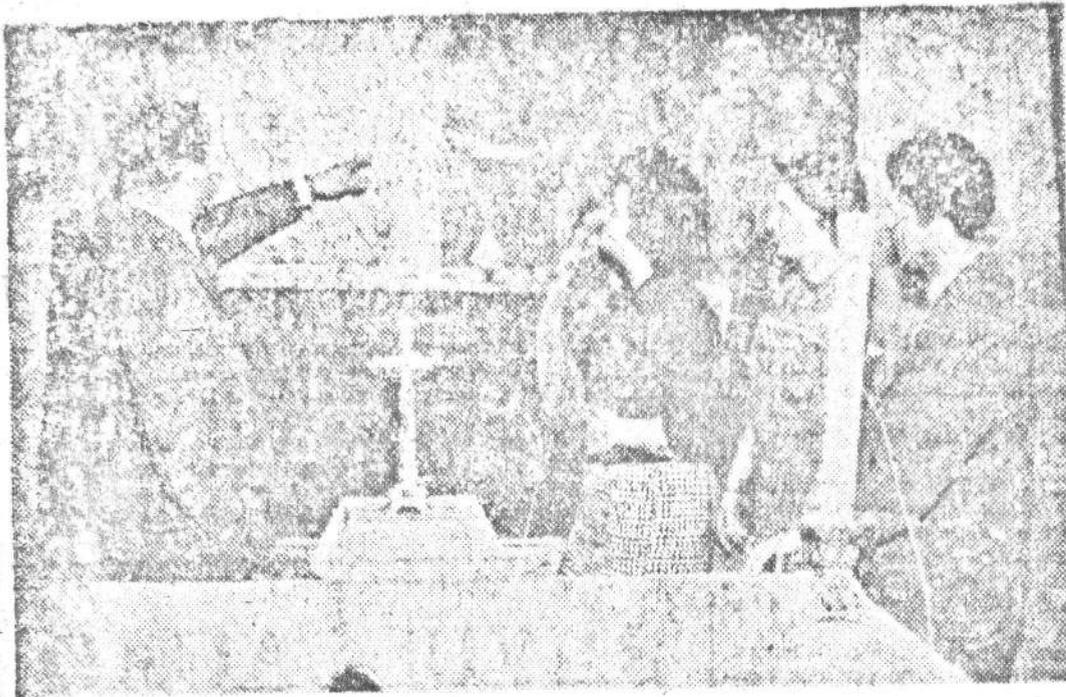
Além de aulas de piano e de

iniciação musical para crianças, a profa. Rosita S. Góes, que é fundadora da conhecida Escolhinha de Arte da Bahia e iniciadora dos Seminários Internacionais de Música na Universidade da Bahia, realizou, na ocasião, um curso de orientação pedagógica para professores de música e uma exposição de instrumentos de música antiga que trouxe da Europa, por ocasião da sua última visita de estudos à Alemanha.

Na fotografia, o reitor J. Penido e um grupo de professores do C.M.F.

Aproxima-se do fim o Primeiro Curso Musical

SUCESSO MUITO ACIMA DAS MELHORES EXPECTATIVAS COROOU A INICIAÇÃO DA U.M.G. — DIVERSOS PROFESSORES CONTRATADOS NO RIO, SÃO PAULO E OUTRAS CIDADES VISITARAM AS INSTALAÇÕES DE "O DIARIO"



Entre os diversos departamentos de O DIARIO visitados pelos professores, a capela causou grande admiração. A foto ilustra o encarregado do nosso Departamento de Relações Públicas quando frizava detalhes da «Última Ceia», de Emeric Marcier às Professoras Rosita Salgado Gois, Ula Wolff e ao Maestro Carlos Eduardo Prates.

Unâimes em suas exclamações de satisfação, os professores contratados pela Rectoria da U.M.G., não esconderam a surpresa que lhes causou o êxito que coroou o primeiro Curso de Férias cuja direcção esteve afeta ao Maestro Carlos Eduardo Prates, sob orientação artística do Prof. George Kuhlman.

O DIARIO convidou-os para, em conjunto, prestarem suas declarações e conhecerem as instalações de nossa casa.

PROFESSORA ULA WOLFF

Antes de passarmos à entrevista concedida pela Profa. Ula Wolff, impõe-se fornecer ao leitor alguns dados sobre a eminente musicista. Ula Wolff iniciou seus estudos no Brasil, com Hilde Sincis, no Rio de Janeiro, onde deu diversos concertos. Estudou também em Detmold, na Alemanha e aqui se acha como convidada pela Rectoria da Universidade de Minas Gerais para leccionar canto no Curso de Férias.

Falando ao redator, a professora Ula Wolff declarou achar a iniciativa «realmente colossal», cujo alcance foi, sem dúvida confirmada pelo entusiasmo e aceitação do corpo docente. As classes funcionaram superlotadas, as vozes eram das mais lindas que se poderia esperar, a musicalidade dos mineiros bastante acima das melhores expectativas, e o aproveitamento realmente grande.

A simpática e jovem professora Ula Wolff, que já cantou em vários lugares do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador), nos Estados Unidos e na Europa, bolsista de música na Universidade de Salzbürg, por concurso promovido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, e participante da Temporária Lírica no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é autoridade mais do que abalizada para endossar declarações desse porte que nos envaldece, a nós mineiros.

FELIPE SILVESTRE E NORMA GRACA

Mineiros de nascimento e paulistas de adoção, Felipe e Norma fizeram seus estudos no Seminário da Pró-Arte de São Paulo onde completaram seus cursos de piano, harmonia, contra-ponto e fuga. Convidados pelo Maestro Carlos Eduardo Prates deram um dos quatro concertos de encerramento na quinta-feira, compreendendo Schubert, Brahms e Ravel, o primeiro concerto inteiramente a quatro mãos jamais realizado na Capital mineira.

Conversando com o redator, o pianista Felipe Silvestre declarou que o Curso Musical de Férias era algo que urgia fazer em Belo Horizonte e que veio no momento exato. Como curso só tende a melhorar, prosseguiu Felipe Silvestre, ficando ainda mais que a música de câmara foi e é essencial em qualquer iniciativa nesse setor.

PROFESSORA ROSITA SALGADO GOIS

Catedrática da Escola de Música da Bahia (Cadeira de Piano), professora de Música no Instituto de Educação, fundadora e criadora da famosa Escolinha de Arte da Bahia e encarregada da parte de música da Secretaria de Educação, Cui iniciadora do Seminário de Música da Bahia, a Professora Rosita Salgado Gois dispõe de um brilhante cabedal que veio para partilhar com a juventude esmerilhosa de música na capital mineira.

Em 1954 a professora Rosita

Primeiro Curso Musical de Férias

EXPECTATIVAS CORROU A INICIATIVA DA REITORIA
 ATADOS NO RIO, SÃO PAULO E SALVADOR TROU-
 PEDAGOGIA E TÉCNICA — VISITA ÀS
 DIÁRIO"



FELIPE SILVESTRE E
 NORMA GRAÇA

Mineiros de nascimento e paulistas de adoção, Felipe e Norma fizeram seus estudos no Seminário da Pró-Arte de São Paulo onde completaram seus cursos de piano, harmonia, contra-ponto e fuga. Convidados pelo Maestro Carlos Eduar-

do Prates deram um dos quatro concertos de encerramento na quinta-feira, compreendendo Schubert, Brahms e Ravel. O primeiro concerto inteiramente a quatro mãos jamais realizado na Capital mineira.

PROFESSORA ROSITA SALGADO GOIS

Catedrática da Escola de Música da Bahia (Cadeira de Palestra), professora de Música no Instituto de Educação, fundadora e criadora da famosa Es-

cola de Arte da Bahia, encarregada da parte de música da Secretaria de Educação, iniciadora do Seminário de Música da Bahia, a Professora Rosita Salgado Gois dispõe de um brilhante cabedal que vem partilhar com a juventude mineira.

Em 1934 a professora Rosita

fêz em Paris e em Genebra, cursos de orientação pedagógica que finalizou no Instituto Dalcroze. De 1936 a 1938 esteve na Alemanha, estudante regência coral em Detmold, música antiga em Vlotho, cursando, também os seminários pedagógicos de Bayreuth e Salzburgo.

Em Belo Horizonte, a Profa. Rosita Salgado Gois, também contratada pela Reitoria da Universidade, deu Curso de Orientação Pedagógica para Professores, com classes lotadas com mais de 72 assistentes, contando, ainda com a presença de professores dos mais variados setores, mesmo estranhos à música. Aulas de iniciação musical para crianças de 4 a 12 anos, cuja frequência ultrapassou a casa dos trinta alunos.

Além disso, Rosita Salgado Gois fez música antiga com instrumentos da época, tais como o «fidel» e a «flauta doce», fazendo ampla e documentada exposição, que se acha aberta a visitas de interessados na sede do Conservatório, de instrumentos antigos.

Declarou a professora bahaiana que é sua intenção dar, assim que lhe for possível, um curso de Construção de Instrumentos que, acreditamos, será de grande alcance para alunos e professores cujos recursos, como foi acontecer, nem sempre são suficientes para arcar com as enormes despesas que a aquisição de instrumentos costuma exigir.



A foto mostra, da esquerda para a direita, as estudantes do Conservatório de São Paulo que aqui o Curso de Férias; o Maestro Carlos Eduardo Prates Peçanha de Figueiredo, Jr., do Departamento de DIÁRIO; Felipe Silvestre e Norma Graça, concertistas Uta Wolff, de São Paulo e a Profa. Rosita Salgado Gois, professora de Música da Universidade da Bahia, quando em visita a Belo Horizonte. — Relações Públicas e Promoções de C

ENCERRAMENTO | concerto de encerramento do Curso de Férias. A primeira noite, sábado, na Igreja São José, às 21.00 hs., dar-se-á e a parte será dedicada a Pale

ssores, a
 nosso De-
 ma Ceias,
 o Maestro

redator, a pro-
 Wolff declarou
 'ativa realmente
 alcance foi, sem
 nada pelo entu-
 ação do corpo d-
 ases funcionaram
 as vezes eram
 as que se poderia
 musicalidade de
 ante acima das
 spectativas, e o
 o realmente gran-

a e jovem profes-
 ff, que já cantou
 gares do Brasil
 ro, São Paulo e
 s Estados Unidos
 bolista de mû-
 erid de de Salz-
 oncurso promovido
 ra Municipal de
 participante da
 rca no Teatro
 Rio de Janeiro,
 ma's do que aba-
 endossar declara-
 rte que nos en-
 s mineiros.

Férias

REITORIA

TRU-

em Genebra.
ção pedagó-
no Instituto
de 1958 es-
ta, estudante
em Detmold.
n Vlotho, cur-
s seminários
Bayreuth e

onte, a Profa.
Gois, também
Reitoria da
Curso de
gógica para
classes lota-
72 assistentes.
om a presença
os mais varia-
no estranhos à
e iniciação mur-
cas de 4 a 12
ncia ultrapas-
rinta alunos.
osita Salgado
antiga com
época, três co-
«flauta doce»,
documentada
e acha aberta
e interessados na
ervatório. de
gos.

professora bala-
enção dar, as-
possível, uni-
ção de Ins-
acreditamos.
alcance para
ores cujos re-
oi acontecer.
o suficientes
as enormes
aquisição de
uma exigir.



A foto mostra, da esquerda para a direita, as senhorinhas Dalva e Tisch, estudantes do Conservatório de São Paulo que aqui vieram a fim de frequentar o Curso de Férias; o Maestro Carlos Eduardo Prates, diretor do Curso; Paulo Peçanha de Figueiredo, Jr., do Departamento de Relações Públicas de O DIÁRIO; Filipe Silvestre e Norma Graça, concertistas a quatro mãos; a Profa. Ula Wolff, de São Paulo e a Profa. Rosita Salgado Gois, do Conservatório Musical da Universidade da Bahia, quando em visita ao Departamento de Relações Públicas e Promoções de O DIÁRIO.

ENCERRAMENTO | concerto de encerramento do trina e Gabrieli. A segunda, a
Hoje, sábado, na Igreja São | Curso de Férias. A primeira | Cantata «Jesus, Joy and
José, às 21.00 hs. dar-se-á o parte será dedicada a Pales- | Treasures.